

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

FABIANA SULZBACHER DAMIAN

**A DINÂMICA DO JORNALISMO EM QUASE DESERTOS DE NOTÍCIAS: UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

FABIANA SULZBACHER DAMIAN

**A DINÂMICA DO JORNALISMO EM QUASE DESERTOS DE NOTÍCIAS: UMA
ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO NO INTERIOR DO RIO GRANDE
DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo pela Escola de
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Crispim da Fontoura

Porto Alegre

2024

FABIANA SULZBACHER DAMIAN

**A DINÂMICA DO JORNALISMO EM QUASE DESERTOS DE NOTÍCIAS: UMA
ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO NO INTERIOR DO RIO GRANDE
DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Jornalismo para a Escola
de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de ____ de ____

Banca examinadora

Prof. Dr. Marcelo Crispim da Fontoura (Orientador)

Prof. Dr. Moreno Cruz Osório

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

AGRADECIMENTOS

Ao longo desse processo de escrita da monografia, me vi algumas vezes de frente para uma página em branco, em busca das palavras certas para construir um novo parágrafo. Mas, sem dúvidas, nenhum momento foi tão desafiador quanto encontrar a melhor forma de expressar minha gratidão àqueles que fizeram parte dessa jornada. Início aqui, então, apenas uma tentativa de fazer isso.

Agradeço a Deus pela vida e pelas inúmeras bênçãos recebidas, manifestadas em forma de pessoas, conquistas e desafios. Agradeço aos meus pais, que tornaram não apenas esta conquista possível, mas todas as que vieram antes dela e as que ainda estão por vir. Desde a primeira apresentação na escola até o final da faculdade, estiveram sempre presentes para me aplaudir, torcer por mim e ser meu alicerce em cada decisão tomada. Obrigada por me permitirem alçar voos e sonhar alto, enquanto mantém as portas sempre abertas para que eu retorne e encontre abrigo. Sou muito grata por toda a dedicação, carinho e empenho que buscarei incessantemente retribuir, embora saiba que nenhum gesto será capaz de corresponder à altura. Em particular, à minha mãe, Liciane, sinônimo de amor e compreensão, por ser meu ponto de paz e tranquilidade ao sempre me lembrar que tudo se ajeita no final. Obrigada por todos os incansáveis esforços para me ver feliz e realizada, sempre cuidando de cada detalhe. Ao meu pai, João Emar, pela dose certa de carinho e orientação. Entre tantos ensinamentos recebidos, me lembro agora das vezes que me disse para almejar os palcos da vida e não ficar só de plateia. Essas e outras palavras, carregadas de amor e incentivo, serão para sempre meu guia. Obrigada por ser meu exemplo de força, coragem e determinação. Agradeço aos meus irmãos, Felipe e Thiago, pelo apoio ao longo de toda minha vida, cada um à sua maneira. É muito bom saber que podemos sempre contar uns com os outros, independentemente de qualquer coisa.

À minha dinda, Ieda Comaretto, que me mostrou, na prática, que laços de sangue não são requisitos para que exista o sentimento de família. Cheguei com muitos receios para morar em uma Porto Alegre, até então, intimidadora, mas tu transformaste esse lugar em um lar, tanto no aspecto físico quanto no emocional. Nenhuma palavra será capaz de expressar plenamente minha gratidão por tudo o que fez por mim e pela importância que teve nessa jornada.

À Eduarda Abreu e Juliana Affeldt, colegas de faculdade que, em pouco tempo, se tornaram grandes amigas e conquistaram um espaço enorme no meu coração.

Obrigada pelos momentos compartilhados dentro e fora da sala de aula, pela escuta sempre ativa e amorosa em todas as conversas e conselhos. A tantas outras amigas que tenho a sorte de ter em minha vida, cada uma com sua importância única ao longo do meu caminho: obrigada por tornarem a vida mais leve e divertida. É uma alegria saber que podemos contar verdadeiramente umas com as outras.

Agradeço aos meus queridos colegas do time de GZH vídeos, com quem passei a maior parte dos meus dias durante esse último ano, por serem uma companhia leve nesse processo tão desafiador que é conciliar trabalho com universidade. Obrigada pelas risadas, pelo apoio e conversas diárias. Foi uma agradável surpresa começar a trabalhar onde tanto sonhei, e ainda ser presenteada com várias pessoas especiais com quem aprendo todos os dias.

Por fim, agradeço à Famecos, aos professores e colegas que passaram pelo meu caminho, por tanto aprendizado, vivências e experiências que me trouxeram até a profissional que venho me tornando hoje. Agradeço especialmente ao meu orientador e professor, Marcelo Crispim, pelas aulas sempre desafiadoras e instigantes, bem como pela oportunidade de participar do mapeamento do Atlas da Notícia, experiência que despertou em mim o desejo de realizar esta pesquisa. Sou profundamente grata pelas orientações e ensinamentos dedicados ao longo desses últimos meses.

A vida é feita de cada pessoa e de cada momento que vivemos, e, ao olhar para trás, sinto uma imensa felicidade ao perceber quantas pessoas especiais estiveram ao meu lado nessa caminhada. Cada uma delas, com seu carinho e apoio, ajudou a construir não apenas esta monografia, mas toda a minha trajetória acadêmica.

RESUMO

Esta monografia analisa as características do jornalismo produzido por veículos online em municípios classificados como quase desertos de notícias do Rio Grande do Sul, conforme o mapeamento do Atlas da Notícia. O objetivo principal é compreender como se dá a cobertura e a produção de conteúdo desses veículos, investigando a profundidade da informação, a dinâmica editorial, a capacidade de produção de notícias locais e originais, e o impacto na informação local dos municípios analisados. A fundamentação teórica é baseada em autores como Beatriz Dornelles (2013), Francisco de Assis (2013), Luiz Custódio da Silva (2013), Luiz Beltrão (2013) e Wilson da Costa Bueno (2013), que discutem tanto as limitações quanto o potencial da imprensa do interior. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, com critérios como originalidade das matérias, quantidade de notícias locais, periodicidade e estrutura dos sites, aplicados a 52 veículos cujas publicações dos últimos 90 dias foram examinadas. Como resultado, constatou-se que o cenário do jornalismo de interior é heterogêneo, marcado por realidades distintas que impedem uma classificação única e abrangente, visto que cada veículo analisado apresentou particularidades próprias. Entre as limitações observadas, destacam-se a dificuldade em manter uma alta periodicidade e a baixa produção de conteúdos originais, muitas vezes limitada à reprodução de materiais de outras fontes. Ainda assim, as iniciativas analisadas representam esforços para fornecer informações à população, evidenciando a importância do jornalismo local em contextos de recursos limitados e estruturas precárias.

Palavras-chave: jornalismo de interior; desertos de notícias; Atlas da Notícia; jornalismo local.

ABSTRACT

This monograph analyzes the characteristics of journalism produced by online outlets in municipalities classified as almost news deserts in Rio Grande do Sul, according to the Atlas da Notícia mapping. The main objective is to understand how the coverage and content production of these outlets take place, investigating the depth of information, editorial dynamics, the ability to produce local and original news, and the impact on local information in the municipalities analyzed. The theoretical framework is based on authors such as Beatriz Dornelles (2013), Francisco de Assis (2013), Luiz Custódio da Silva (2013), Luiz Beltrão (2013), and Wilson da Costa Bueno (2013), who discuss both the limitations and potential of the inland press. The methodology used was content analysis, with criteria such as the originality of the stories, the amount of local news, and the periodicity and structure of the sites, applied to 52 outlets whose publications over the last 90 days were examined. As a result, it was found that the interior journalism landscape is heterogeneous, marked by distinct realities that prevent a single, comprehensive classification, as each outlet analyzed had its own particularities. Among the limitations observed were the difficulty in maintaining high periodicity and the low production of original content, often limited to reproducing material from other sources. Nevertheless, the initiatives analyzed represent efforts to provide information to the population, highlighting the importance of local journalism in contexts of limited resources and precarious structures.

Keywords: local journalism; news deserts; Atlas da Notícia; small towns news.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Veículos com site próprio.....	42
Gráfico 2 – Natureza do veículo.....	43
Gráfico 3 - Publicações nos últimos 90 dias.....	44
Gráfico 4 - Matérias locais nos últimos 90 dias.....	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O JORNALISMO DE INTERIOR NO RIO GRANDE DO SUL	13
2.1	DEFINIÇÕES DE JORNALISMO LOCAL E DE INTERIOR.....	13
2.2	CARACTERÍSTICAS E DINÂMICAS DOS JORNAIS DE INTERIOR.....	16
2.3	FUNÇÕES E LIMITAÇÕES DO JORNALISMO DE INTERIOR.....	21
3	DESERTOS DE NOTÍCIAS	26
3.1	LIMITAÇÕES DA CLASSIFICAÇÃO E DO CONCEITO DE DESERTOS	29
3.2	RISCOS E DESAFIOS DO JORNALISMO EM DESERTOS DE NOTÍCIA...	32
4	ANÁLISE	38
4.1	METODOLOGIA	38
4.2	DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	41
4.3	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Distantes da cobertura dos grandes veículos de comunicação, os municípios interioranos encontram no jornalismo de interior uma fonte importante de informação. É por meio dele que as comunidades conseguem entender e acompanhar os acontecimentos que impactam diretamente seu dia a dia, fortalecendo sua identidade e compreensão de sua realidade local. O Atlas da Notícia, iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (PROJOR), realiza o mapeamento da presença de veículos jornalísticos no território brasileiro, classificando os municípios em três categorias: desertos de notícias, quase desertos e não desertos. Atualmente, 2.706 cidades são consideradas desertos de notícias, ou seja, não possuem nenhum veículo jornalístico local (Atlas da Notícia, 2024). Esse número representa aproximadamente 48,6% dos municípios brasileiros, cujas populações ficam sem acesso a notícias sobre suas próprias comunidades, a menos que seus municípios sejam eventualmente mencionados por veículos maiores de cidades vizinhas. Além disso, 1.636 municípios são classificados como quase desertos, ou seja, contam com apenas um ou dois veículos jornalísticos, e estão em situação de risco de se tornarem desertos de notícias.

No Rio Grande do Sul, existem 144 municípios classificados como quase desertos, o que levanta o seguinte problema de pesquisa: quais são as características do jornalismo produzido pelos veículos presentes nessas localidades e de que forma esses aspectos influenciam o acesso à informação local? Essa problemática insere-se no campo do jornalismo de interior, um termo que, apesar de não ser amplamente discutido, merece atenção especial. Afinal, a oferta de notícias que abordem questões diretamente relacionadas à realidade de uma comunidade pequena — como problemas de infraestrutura, eventos locais ou políticas públicas municipais — é fundamental para manter a população informada, promovendo o acesso a informações relevantes e contribuindo para o desenvolvimento local. No entanto, veículos de grandes centros geralmente não cobrem esse tipo de informação, seja por falta de interesse, seja por limitações de alcance. Por isso, a responsabilidade de garantir esse vínculo informativo recai sobre os veículos locais, quando existentes e quando possuem estrutura suficiente para atender a essa demanda. É importante destacar que os quase desertos de notícias recebem essa denominação pelo risco potencial de se tornarem desertos de notícias, caso os poucos veículos jornalísticos locais existentes deixem de operar. Por isso, é importante analisar esses municípios

e compreender a dinâmica da produção jornalística, sua viabilidade e sustentabilidade, já que o fechamento desses veículos pode comprometer ainda mais o acesso à informação, consolidando essas localidades como desertos de notícias e ampliando os impactos negativos dessa realidade.

Frente a esse cenário, esta pesquisa tem como objetivo analisar a cobertura e a produção de notícias dos veículos jornalísticos em municípios classificados como quase desertos no Rio Grande do Sul, investigando de que forma a escassez de veículos jornalísticos afeta o acesso à informação local. Para isso, buscou-se identificar os veículos online presentes nessas cidades, conforme o mapeamento do Atlas da Notícia, considerando a relevância crescente das plataformas digitais e o acesso mais viável a sites para a realização da análise. Por fim, a pesquisa se propõe a avaliar a qualidade da cobertura jornalística praticada por esses veículos, levando em conta critérios como periodicidade, produção de conteúdo original e local, estrutura do site e presença nas redes sociais.

Para responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, foi realizada, inicialmente, uma análise prévia dos 52 veículos online presentes em municípios classificados como quase desertos de notícia no Rio Grande do Sul. A partir dessa análise, foram gerados critérios de avaliação que englobam elementos como periodicidade, conteúdo voltado à comunidade local, estrutura e funcionalidade do site, bem como a presença nas redes sociais. Esses critérios serviram de base para a construção de um formulário online, no qual foram registradas as informações sobre cada veículo analisado. O período de análise considerou as publicações realizadas nos últimos 90 dias em relação ao dia de avaliação de cada veículo, garantindo um recorte temporal viável e representativo para a pesquisa. Essa abordagem foi escolhida por sua adequação ao objetivo de compreender a dinâmica atual da cobertura jornalística nessas localidades.

O interesse por essa temática surgiu em 2021, durante uma participação voluntária no mapeamento realizado pelo Atlas da Notícia. Essa experiência proporcionou o primeiro contato com a problemática da falta de acesso a notícias locais em grande parte dos municípios brasileiros. Além disso, vivências no interior e o contato direto com veículos jornalísticos de cidades pequenas despertaram questionamentos sobre a qualidade das produções, as limitações estruturais e editoriais, e a capacidade desses meios de atender às demandas informativas das comunidades locais.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foram apresentados ao longo do trabalho referenciais teóricos que sustentam a discussão sobre o jornalismo de interior e os desertos de notícias. Autores como Dornelles (2013), Beltrão (2013), Bueno (2013), Fernandes (2013) e Duarte (2023) contribuíram para a construção de um panorama sobre as características, os desafios e as potencialidades do jornalismo produzido no interior. Os capítulos exploram, inicialmente, o conceito de jornalismo de interior, contextualizando sua relevância e diferenciais, como a proximidade com o público local. Na sequência, são discutidas as dificuldades enfrentadas pelos veículos, incluindo a dependência de fontes externas, equipes reduzidas, baixa estrutura e falta de profissionalização, bem como os potenciais desses meios para fortalecer a cidadania local. Além disso, o trabalho aborda a problemática acerca dos desertos de notícias, analisando os critérios de classificação utilizados pelo Atlas da Notícia, suas limitações e os benefícios proporcionados por esse mapeamento. Também foram explorados mapeamentos realizados em outros países, como os Estados Unidos, Portugal e Argentina, o que permitiu ampliar a compreensão sobre as diferentes abordagens internacionais em relação a regiões com escassez de cobertura jornalística. Ainda se identificaram os riscos e as consequências prejudiciais de viver em desertos de notícias, como a desinformação e a dificuldade de acesso à informação local.

Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam as particularidades do jornalismo praticado em municípios classificados como quase desertos de notícias no Rio Grande do Sul. Identificou-se que 60% dos veículos analisados publicaram menos de duas notícias por dia, indicando dificuldade em manter uma periodicidade consistente. Além disso, 17% dos veículos não realizaram qualquer cobertura sobre o próprio município ou região nos últimos três meses, limitando-se, em diversos casos, à reprodução de conteúdos externos, como releases ou informações de fontes oficiais. Por outro lado, constatou-se que 36% dos veículos apresentaram uma produção significativa de notícias locais, o que mostra que, mesmo diante de desafios, alguns conseguem produzir conteúdo de qualidade para suas comunidades por meio de pautas locais relevantes.

Dessa forma, esta pesquisa nasceu com o intuito de aprofundar o entendimento sobre a realidade dos municípios com pouco acesso ao jornalismo de qualidade, analisando como os veículos locais operam nesses contextos. Além disso, propôs-se a identificar os potenciais de iniciativas jornalísticas pequenas e locais,

destacando sua relevância como agentes de fortalecimento comunitário e desenvolvimento regional. A monografia, portanto, investigou a dinâmica de produção jornalística nesses territórios, os desafios enfrentados por esses veículos e a importância do jornalismo local para promover o acesso à informação. Todos esses aspectos serão explorados e desenvolvidos ao longo deste trabalho.

2 O JORNALISMO DE INTERIOR NO RIO GRANDE DO SUL

Dada a proposta desta pesquisa de analisar o jornalismo praticado no interior do Rio Grande do Sul, torna-se fundamental discutir o conceito de jornalismo de interior, suas características específicas e os fatores que o definem. Este capítulo, portanto, propõe-se a explorar a abrangência do termo, as dificuldades em caracterizá-lo e as peculiaridades que distinguem o jornalismo de interior do praticado em grandes centros urbanos.

2.1 DEFINIÇÕES DE JORNALISMO LOCAL E DE INTERIOR

Debater a realidade da imprensa em contextos interioranos não é o mesmo que discutir o local e o regional, embora esses temas sejam relevantes e relacionados (Assis, 2013). Dessa forma, é essencial compreender o que engloba o jornalismo de interior e como ele se relaciona, mas também se diferencia do chamado jornalismo local. Embora ambos os termos tenham pontos de convergência, existem particularidades que podem ser analisadas.

Assis (2013) utiliza de uma abordagem geográfica ao definir o interior como qualquer área fora das capitais. Dessa forma, o jornalismo de interior pode ser entendido como a prática jornalística que ocorre em regiões que não os grandes centros urbanos.

Podemos dizer, então, sem medo de cometer equívocos, que interior, na pesquisa acadêmica sobre a imprensa - e mesmo no chamado senso comum -, consiste em território que não o das capitais e o qual pode estar situado tanto na parte interna das unidades federativas, quanto no litoral e na fronteira entre estados (províncias, em alguns casos) ou na divisa de países (Assis, 2013, p. 14).

Hartmann (2011, p. 69) concorda com Assis, ao afirmar que o jornalismo de interior abrange "todas as publicações jornalísticas produzidas fora das capitais e sem ligação com os conglomerados de comunicação". No entanto, ela destaca que a geografia, por si só, não é suficiente para delimitar o jornalismo de interior e o local.

Embora as demarcações geográficas possam ajudar a configurar o local, no que tange a cobertura e aos efeitos das mídias, elas são imensuráveis, mas se somam às demais singularidades, identidades e diversidades sócio-

culturais, históricas, ecológicas, econômicas, de comunicabilidade, etc., que ajudam a construir o espaço local ou o comunitário (Hartmann, 2011, p. 75).

A geografia desempenha um papel fundamental também na definição da informação local, que “pode ser entendida mais pelo espaço geográfico do que pelas características de seu conteúdo” (Dornelles, 2013, p. 71). Dessa forma, nota-se que tanto o termo jornalismo local quanto o jornalismo de interior, possuem a característica de tratar de questões geograficamente limitadas, como destaca Dornelles.

As afirmações de Dornelles vão ao encontro de Assis e Hartmann. No entanto, a pesquisadora ressalta que, além do aspecto geográfico, o jornalismo interiorano possui características próprias que o distinguem, justamente por sua natureza interiorana e sua proximidade com a comunidade.

A imprensa do interior, caracterizada especialmente pelo localismo, funciona em um espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por identificação com o público, pelo partilhamento dos fatos, dos interesses, das necessidades, das reivindicações políticas etc. O jornal, então, deve servir aos interesses nobres da comunidade a que deve a sua existência e o seu sustento (Dornelles, 2012, p. 29).

Ainda assim, o localismo e a proximidade não devem ser considerados diferenciais exclusivos da imprensa de interior (Nazário, 2017). Nesse sentido, infere-se que veículos de comunicação pertencentes às capitais também podem produzir o que se intitula de jornalismo local.

Pode ocorrer que um jornal de referência dedique algum espaço e atenção aos fatos de uma comunidade, mas em geral essa classe de veículo jornalístico opera como jornal 'local' de uma área bastante relevante em termos de extensão e importância política e econômica (Nazário, 2017, p. 55).

Sonia Aguiar (2016, p. 81) observa que, em grandes centros urbanos, “a densidade populacional cria ilhas de convivência, que vão das favelas e dos bairros populares aos condomínios fechados das classes média e alta”. Dessa forma, a autora argumenta que o jornalismo produzido nesses ambientes também pode ser considerado hiper local, se levar em conta as relações de vizinhança e convivência que se estabelecem nessas comunidades.

Observa-se, na literatura sobre essas vertentes, ampla coincidência com as preocupações expressas pelos formuladores do jornalismo hiperlocal, cuja inovação residiria, estritamente, na agilidade e no alcance pontual da

produção e da veiculação da informação local propiciada pelos dispositivos móveis (Aguar, 2016, p. 81).

Além disso, para Dornelles (2012), a competição por audiência tem levado os grandes jornais metropolitanos a expandirem a cobertura de fatos locais, que antes tinham um papel de menor destaque nas pautas das principais redações jornalísticas.

No entanto, o jornalismo de interior se diferencia do jornalismo local produzido nos grandes centros por possuir, segundo Dornelles, uma característica de proximidade mais acentuada e pela “informação microscópica. De pessoas conhecidas por seus nomes e apelidos, e não só pelo que fazem ou representam na sociedade burocrática” (Dornelles, 2012, p. 241).

Hartmann (2011) ressalta que o jornalismo praticado no interior não se caracteriza pela ausência de acesso a informações externas, mas por suas particularidades na forma de organização empresarial e jornalística. Essas características o diferenciam tanto da grande imprensa quanto do chamado jornalismo regional, demonstrando que as especificidades locais moldam sua atuação de maneira distinta.

O desenvolvimento e a consolidação dos veículos de comunicação do interior estão profundamente relacionados aos contextos socioculturais, políticos e econômicos dessas regiões, o que traz uma perspectiva relativista à análise dessa relação (Bueno, 2013). Assim, a principal diferença reside na forma como o jornalismo de interior se conecta diretamente com a comunidade, refletindo as dinâmicas locais de maneira mais próxima e personalizada.

A imprensa do interior é marcada pelo localismo, atuando em um espaço restrito e escolhendo informações que correspondem aos interesses e necessidades da comunidade local (Dornelles, 2012). Embora o jornalismo local e o jornalismo de interior não sejam termos idênticos, eles se encontram em diversos aspectos, especialmente na abordagem de temáticas ligadas à proximidade e à cobertura de notícias de um determinado local. Portanto, nesta pesquisa, o termo jornalismo local será utilizado também para referir-se ao jornalismo interiorano, considerando que "local" está vinculado ao conceito de localismo.

Entendeu-se, a partir dos autores, que o jornalismo de interior apresenta características específicas, como a proximidade com as comunidades locais, que o diferenciam de outras práticas jornalísticas. No entanto, existem outras características

que ajudam a definir sua dinâmica e seu papel nas regiões em que está inserido. Essas características serão exploradas na próxima seção.

2.2 CARACTERÍSTICAS E DINÂMICAS DOS JORNAIS DE INTERIOR

A caracterização dos jornais de interior envolve um conjunto de elementos que refletem tanto as especificidades regionais quanto os contextos socioculturais de onde estão inseridos. O jornalismo praticado no interior possui características próprias que o distinguem do jornalismo realizado em áreas metropolitanas (Fernandes, 2013), especialmente devido à sua proximidade com o público e ao foco em temas locais. Logo, é importante entender como esses fatores moldam a produção de notícias no interior do Rio Grande do Sul e como o jornalismo interiorano se diferencia do praticado em grandes centros.

Há tantas características nos jornais do interior que é possível identificar diferentes tipos em todo o Brasil, entre as centenas de veículos existentes (Dornelles, 2013). Bueno (2013, p. 45) concorda com a premissa ao afirmar que uma análise de veículos interioranos “remete de imediato a uma perspectiva pluralista, tipificada por um número diversificado de formatos, estruturas, propostas editoriais e objetivos, dentre outros aspectos”.

Apesar da diversidade apontada pelos pesquisadores, ambos concordam que a veiculação de informação local é o cerne do jornalismo interiorano. Historicamente, os jornais do interior têm focado na divulgação de notícias e eventos que têm impacto direto e imediato para os moradores da cidade onde o jornal está localizado (Dornelles, 2013). Esse enfoque nos assuntos locais permite que os jornais desempenhem um papel importante na comunicação das necessidades e interesses do público local.

Fernandes (2013) expõe que os grandes veículos costumam buscar informações sobre instituições, países ou celebridades de diversas partes do mundo para atender às expectativas dos leitores, que desejam acesso a notícias relevantes ou interessantes, independentemente de sua origem. Contudo, segundo o autor, nos jornais interioranos “há uma cumplicidade entre o leitor e a empresa jornalística. Nesse contrato, está implícito que a busca é pela informação local”. (Fernandes, 2013, p. 116)

Nesse contexto, enquanto a grande mídia prioriza temas de interesse nacional e internacional, visando atrair o maior número possível de pessoas, a mídia local foca nas especificidades de cada região (Hartmann, 2011). Dessa forma, como concordam os autores, o ponto central do jornalismo interiorano está justamente no vínculo estreito entre a imprensa e a comunidade.

Dornelles (2013) argumenta que eventos próximos à realidade são mais facilmente compreendidos e frequentemente oferecem temas mais relevantes para discussões cotidianas. Logo, isso reforça que a cobertura de assuntos locais é uma característica marcante da imprensa local em comparação com os veículos de grandes centros urbanos, visto que “eles deixam para a imprensa das grandes cidades e para a internet a divulgação de fatos de âmbito nacional ou internacional, priorizando os acontecimentos e personalidades locais (Dornelles, 2012, p. 72).”

Para os veículos interioranos, o fator proximidade é fundamental para determinar o conteúdo, a forma e o mercado (Fernandes, 2013). Ou seja, a relação direta com a comunidade local influencia as pautas abordadas, o estilo de linguagem adotado e até mesmo o modelo de negócio, já que esses veículos dependem de um público mais restrito e de realidades regionais específicas para sobreviver e se manter relevantes.

Um acidente que ocorre nas proximidades, mesmo que com poucas vítimas, é mais noticiável em um jornal do interior do que outro ocorrido com um número maior de mortos, mas a milhares de quilômetros de distância (Fernandes, 2013, p. 118).

Os jornais do interior no Brasil têm tradicionalmente servido como canais para a divulgação de ideias, demandas e cultura das populações locais (Beltrão, 2013). Essa função exercida pelo jornalismo interiorano, o aproxima de sua audiência, destacando a característica do vínculo com a comunidade.

O povo que vive em comunidades com população de menos de cem mil habitantes está interessado nos seus problemas tanto quanto nas ocorrências nacionais e mundiais. Por isso, precisa de um meio de comunicação que reflita os seus ideais e atitudes, seus costumes e convenções, seu nível de vida e sua atitude intelectual (Beltrão, 2013, p. 25).

Hartmann (2011), também destaca a proximidade como uma característica marcante dos jornais interioranos. Segundo ela, esse fator está relacionado com o fato das pessoas nas pequenas comunidades terem acesso direto às informações por

meio de suas próprias redes de contato, o que lhes confere uma visão mais crítica sobre o que é veiculado.

O jornal não é a única forma de construção das realidades, mas antes elas já estão em curso nestas sociedades. E mais do que experimentar o fato de forma direta, as pessoas no interior possuem uma segunda possibilidade: a de formar sua opinião em diálogo com outras pessoas, sendo elas também fontes de informações sobre os fatos (Hartmann, 2011, p. 92)

Ou seja, a particularidade do jornalista da imprensa local é viver entre os seus leitores (Dornelles, 2010). Dessa forma, a proximidade entre o veículo interiorano e o seu público é outra característica fundamental desse tipo de jornalismo, reforçando o conceito de localismo trazido por Dornelles.

Esse vínculo cria uma relação de confiança, na qual os leitores se sentem representados e mais conectados com o veículo de comunicação, que reflete as necessidades e interesses da comunidade. Além disso, segundo Beltrão (2013), é comum que o proprietário do jornal seja uma figura conhecida na cidade, o que amplia ainda mais essa sensação de proximidade e pertencimento: “a confiança e a preferência que o jornal local desfruta nas comunidades decorrem, em grande parte, do fato de o editor ou proprietário ser uma figura conhecida localmente, vivendo e interagindo diretamente com os moradores” (Beltrão, 2013, p.29).

Essa dinâmica de confiança e proximidade pode ser exemplificada por outra característica marcante dos veículos de imprensa no interior: a frequência com que as reportagens são assinadas. Bueno (2013) ressalta que a personalização é um aspecto central, com as matérias frequentemente trazendo a assinatura do autor.

A personalidade é uma característica marcante, isto é, as matérias vêm quase sempre assinadas ou deixam explícita a responsabilidade de quem a redigiu. Na verdade, o número reduzido de empregados do jornal, notadamente no setor de redação, e o conhecimento que o público tem destas pessoas facilitam, enormemente, essa identificação (Bueno, 2013, p.57).

Outro aspecto relevante a ser considerado é a qualidade da produção jornalística em termos de ação, ritmo, profundidade investigativa e clareza da linguagem empregada na notícia. Fernandes (2013) destaca que a qualidade de um produto jornalístico está diretamente ligada a esses critérios. No entanto, no jornalismo de interior, esses critérios muitas vezes são comprometidos devido à falta de estrutura e recursos, o que impede uma execução plena das práticas jornalísticas.

A escassez de tempo contribui para muitas falhas na imprensa interiorana, que vão desde a precária apuração da informação, passando por textos mal redigidos e estruturados até aos crassos erros ortográficos. A falta de profissionais habilitados faz engrossar essa lista de limitações (Fernandes, 2013, p. 127).

Nesse sentido, observa-se que muitos veículos de interior ainda carecem de aperfeiçoamento de técnicas jornalísticas. Segundo Bueno (2013), a escrita dos jornais interioranos tende a ser opinativa, com pouca distinção entre informação e opinião. O autor afirma que os títulos das matérias, no jornalismo interiorano, “são antes opinativos e elogiosos que informativos” (Bueno, 2013, p. 57).

Isso é corroborado por Dornelles (2012), que aponta a necessidade de aprimoramento na qualidade jornalística dos jornais de interior, especialmente em aspectos como seleção de pautas, entrevistas e fontes. A autora ainda problematiza que, em municípios interioranos com mais de 100 mil habitantes, a maioria dos jornais repete “as mesmas práticas de produção da notícia dos grandes jornais. E copiam também os projetos gráficos dos mesmos” (Dornelles, 2012, p. 32).

Conforme explica Hartmann (2011), até a década de 70, predominava na imprensa do interior do Rio Grande do Sul o jornalismo de opinião e o colunismo, que gradualmente foram substituídos pelo jornalismo informativo como principal método de produção jornalística. Apesar disso, as colunas sociais ainda são elementos comuns em páginas de jornais interioranos. Essas colunas frequentemente enaltecem autoridades ou celebridades locais, muitas vezes ligadas a famílias influentes ou aos proprietários dos jornais (Bueno, 2013).

No jornal do interior, independentemente do seu perfil, as notas sociais ocupam papel de destaque [...] elas assumem a característica de mexericos e fofocas. Não raramente, nesse caso, o colunista social é o jornalista de maior prestígio na comunidade e, frequentemente, é o mais bem-remunerado dentre os que integram o quadro de empregados do jornal (Bueno, 2013, p. 58).

Outra característica marcante dos jornais interioranos é a dependência do uso de releases, que se revela uma prática rotineira. Fernandes (2013) observa que esses jornais frequentemente publicam na íntegra releases enviados por fontes de poder, como assessorias de imprensa de prefeituras, câmaras municipais, empresas e gabinetes de deputados.

O grande fluxo desses materiais faz com que expressiva parcela de jornais interioranos seja produzida quase que inteiramente por releases, muitas vezes impregnados de densa carga ideológica. Contudo, mesmo nesses casos, os critérios para a seleção do material terá como prioridade a informação local. (Fernandes, 2013, p. 129).

Essa dependência é tão significativa que, como aponta Santana (2013), muitos jornais não conseguiriam circular sem o aporte desses conteúdos fornecidos por assessorias de imprensa. Essa estratégia de trabalho reflete uma dependência cada vez maior dessas fontes prontas de informação, comprometendo, em certa medida, a originalidade e a apuração própria das redações.

É importante considerar também que os veículos de interior contam com um número reduzido de funcionários (Bueno, 2013). O autor afirma que a quantidade de colaboradores dedicados a atividades administrativas em empresas de comunicação local frequentemente supera o da equipe de redação. Em muitos casos, a equipe de redação pode ser reduzida a apenas cinco pessoas, e, em algumas situações, ela se limita ao próprio proprietário do jornal.

Nota-se também que os jornais interioranos frequentemente operam com uma estrutura precária e pouco profissionalizada, sendo coordenado muitas vezes por “pessoas que o mantém por objetivos que não estão alinhados com a atividade jornalística propriamente dita”. (Bueno, 2013, p. 62). Ou seja, esses veículos acabam sendo geridos por indivíduos ou grupos cujos interesses estão mais voltados a questões comerciais, políticas ou pessoais, o que compromete a independência editorial e a qualidade do conteúdo jornalístico produzido.

Na imprensa “quase artesanal”, são raros os casos em que o funcionário (não jornalista) e mesmo o responsável (sócio ou proprietário) estão efetivamente familiarizados com o negócio jornalístico, e a especialização é inexistente, sendo elevada a porcentagem de funcionários que não apresentam formação superior (Bueno, 2013, p.51).

Além disso, em contextos regionais, é forte a dependência dos grupos econômicos e políticos, especialmente em áreas economicamente mais vulneráveis (Silva, 2013). Logo, uma característica marcante dos jornais interioranos apontada por pesquisadores é a relação dos veículos com a política local, o que segundo aponta Silva, compromete a qualidade da informação jornalística.

O usual apoio financeiro das prefeituras aos jornais locais leva a uma utilização das páginas com fins políticos, resultando em uma dependência e submissão à

política local, que varia conforme a alternância no poder político (Bueno, 2013).

Todas essas características exploradas evidenciam que o jornalismo de interior apresenta aspectos positivos, como a estreita conexão com a população local e o envolvimento nas dinâmicas da vida cotidiana dos leitores, algo que veículos de grandes centros urbanos nem sempre conseguem alcançar. Contudo, os veículos interioranos também enfrentam desafios significativos, como a dependência de releases, a influência política e outras limitações estruturais e operacionais. A partir dessas considerações, na próxima seção, serão analisadas as funções e as limitações que permeiam o jornalismo de interior.

2.3 FUNÇÕES E LIMITAÇÕES DO JORNALISMO DE INTERIOR

A imprensa do interior funciona como um meio para os municípios darem espaço e voz às suas comunidades (Assis, 2013). Nesse contexto, torna-se fundamental discutir a relevância desse tipo de jornalismo para a promoção da cidadania e a formação da opinião pública em pequenos municípios do interior do Rio Grande do Sul. Da mesma forma, é necessário avaliar as limitações enfrentadas por esses veículos, que podem impactar a qualidade e a profundidade da apuração jornalística.

Segundo Colussi (2013), a proximidade entre os veículos de comunicação interioranos e seus leitores desempenha um papel importante no fortalecimento da cidadania. Ao abordar temas que dialogam diretamente com o público, os meios de comunicação não apenas informam, mas também incentivam a participação ativa da comunidade, criando um ambiente propício ao engajamento cívico.

O cidadão participa, inclusive, do desenvolvimento do seu próprio município, quando reclama os seus direitos políticos e administrativos, além de fiscalizar o poder público. Como exemplo, pode-se citar aquelas seções nas quais os leitores podem enviar reclamações ou ligar para a redação e contar os problemas da comunidade que não são solucionados pela prefeitura. O papel da imprensa? Expor a questão, discuti-la e pressionar o órgão responsável para que se solucione o problema. A função principal do jornal do interior é, portanto, publicar as decisões, as reivindicações e os fatos regionais e locais (Colussi, 2013, p. 172).

Os direitos sociais, fundamentais para a qualidade de vida dos cidadãos, encontram sua plena efetividade no nível local, conforme destacado por Terossi, Vicente e Souza (2018, p. 45), que afirmam: “É localmente que se demandam e que

podem ser atendidos de forma mais adequada os direitos sociais, por exemplo, relativos à educação, saúde, saneamento, etc”.

Dessa forma, a proximidade com o público torna o jornalismo de interior uma alternativa favorável para garantir o direito à informação dos cidadãos, além de servir como mediador da cidadania (Terossi, Vicente, Souza, 2018). Isso porque, ao focar em questões específicas de uma comunidade, os veículos de comunicação locais podem denunciar lacunas e deficiências nos serviços públicos, promover a transparência e garantir que as demandas da população sejam ouvidas e atendidas de maneira mais eficiente.

Nesse contexto, Silva (2013) aponta que os veículos de jornalismo no interior devem acompanhar de perto as dinâmicas sociais locais e regionais, incentivando discussões e reflexões dentro da comunidade. Essa responsabilidade, segundo ele, permite que os veículos rompam com a passividade e o conservadorismo, ao mesmo tempo que pressionam os gestores regionais a enfrentarem a ausência de políticas públicas adequadas. Dessa forma, o jornalismo local assume uma função crítica, primordial para promover o envolvimento cívico e a transformação social nas cidades interioranas.

No entendimento de Dornelles (2011), os veículos de imprensa do interior têm o dever de promover a coesão social, atuando como defensores da justiça, da dignidade e dos direitos das pessoas. Nessa perspectiva, entende-se que o jornalismo local precisa ser propositivo, assumindo uma função educativa e transformadora. A defesa do interesse geral, como propõe Dornelles, deve ser um norte que guia as práticas jornalísticas interioranas.

Entretanto, as limitações do jornalismo de interior são evidentes, conforme apontado por Dornelles (2013), ao destacar a ausência de uma atuação investigativa mais incisiva por parte da imprensa local. A autora sublinha que esses veículos ainda não adotaram uma postura combativa frente às irregularidades que ocorrem nas próprias comunidades: “encontramos, ainda hoje, poucas matérias contendo críticas, denúncias ou cobrança ao poder executivo local, comportamento que revela a falta de independência e autonomia desses jornais, em nome da sobrevivência (Dornelles, 2013, p. 83).”

Outro ponto relevante é a escassa repercussão dos acontecimentos nacionais ou internacionais, o que limita o entendimento das consequências desses eventos sobre as populações locais (Dornelles, 2012). Assim, os jornais interioranos

demonstram dificuldades em conectar os impactos de eventos de maior escala com a realidade dos cidadãos dessas pequenas cidades.

Colussi (2013) defende que a internet possibilitou o surgimento de novos projetos jornalísticos voltados a temas mais próximos das realidades dos cidadãos. Ela destaca, em especial, o uso de formatos multimídia – como áudio, vídeo e texto – juntamente com a interação por meio de comentários, como um diferencial capaz de reforçar essa proximidade.

Esses recursos, segundo Colussi (2013, p. 186), "podem contribuir para estreitar a relação entre os meios de comunicação e a população local, uma vez que possibilitam o debate entre a comunidade de vizinhos, quando estes escrevem algum comentário sobre uma notícia", promovendo um espaço de diálogo mais direto e participativo.

Dornelles (2013, p.70) concorda com Colussi ao afirmar que o jornalismo on-line contribuiu para o fortalecimento do localismo, uma vez que "ampliou a demanda por informações locais de qualidade, já que questões de âmbito estadual, nacional e, principalmente, internacional são fartamente exploradas por portais, sites e blogs". Ambas destacam que, nos portais on-line, os veículos locais encontram uma oportunidade de suprir as necessidades informativas de suas comunidades.

Entretanto, em contraponto à visão de Colussi e Dornelles sobre as oportunidades de desenvolvimento trazidas pela internet, Hartmann (2011) argumenta que muitas empresas jornalísticas do interior do Rio Grande do Sul adotaram um modelo transpositivo. Logo, em vez de desenvolverem conteúdos específicos para a internet, os veículos "se limitaram ao modelo transpositivo, ou seja, a 'transposição' dos conteúdos impressos nos jornais on-line, mantendo além do conteúdo semelhante, também a mesma linguagem" (Hartmann, 2011, p. 76).

A dependência do jornalismo de interior em relação à política e aos políticos locais é um dos principais entraves à sua autonomia. Conforme apontam Parzianello, Barbosa e Campo (2018), a construção das notícias nesses veículos muitas vezes privilegia os interesses dos atores políticos, em detrimento do interesse público, que deveria ser o norte das práticas jornalísticas. Dessa forma, a proximidade entre a imprensa e os políticos locais reforça um ciclo de dependência, onde os veículos de comunicação são pressionados a preservar alianças em nome de sua própria sobrevivência, limitando seu potencial crítico e investigativo.

O jornalismo do interior descumpre o ideal de isenção e de promoção dos leitores como forma de desenvolvimento ao optar por uma construção da notícia que se coloque antes a serviço dos atores sociais em seus interesses do que necessariamente ao interesse público, que em última análise, é aquele que deveria justificar e mover todas as estratégias narrativas e discursivas em torno dos fatos, mesmo em se tratando do campo da política (Parzianello; Parzianello; Campo, 2018, p. 119)

As dificuldades enfrentadas pelo jornalismo em pequenas cidades não se restringe ao Rio Grande do Sul, mas é um fenômeno observado em diversas regiões do Brasil, como demonstrado por Javorski e Bargas (2020) ao analisarem o impacto da falta de cobertura jornalística em Rondon do Pará (PA) durante a pandemia da COVID-19. A falta de estrutura dos veículos jornalísticos interioranos e a grande quantidade de informações disponíveis nas redes sociais dificultaram o acesso da população local a notícias verificadas e contextualizadas, criando um ambiente propício para a desinformação durante a pandemia.

Nesta era, em que informações difusas e informais ganharam aparência e status de notícia, muitas vezes sendo as únicas fontes de informação de grandes públicos, as sociedades precisam ser cada vez mais capazes de identificar a veracidade das informações e a qualidade desses conteúdos. (Javorski; Bargas, 2020, p. 5)

Nesse cenário, os autores destacam que iniciativas como o portal Rondon Notícias, projeto de extensão universitário, buscam suprir essa lacuna, porém enfrentam desafios para se consolidar como fonte principal devido à baixa adesão da comunidade, ressaltando que “é importante observar a difícil penetração na comunidade para consolidar-se como um veículo de referência” (Javorski e Bargas, 2020, p. 12). Assim, como em outras regiões interioranas, a falta de uma imprensa local estruturada compromete não apenas a qualidade da informação, mas também a capacidade de promover a cidadania e o desenvolvimento social.

Para a evolução dos jornais interioranos, é importante que diversos atores se envolvam em favor da valorização da imprensa local. Nazário (2017) enfatiza que, além de as empresas reforçarem seu vínculo com o território, os governos devem agir para fortalecer os veículos de comunicação em suas comunidades. Segundo ele, é necessário que as agências de publicidade comecem a enxergar os jornais interioranos como parceiros importantes para a divulgação de bens e serviços. Além disso, os próprios jornalistas precisam valorizar os jornais do interior, reconhecendo seu papel fundamental na promoção da cidadania.

Apesar de sua relevância na construção da identidade local e no fortalecimento da cidadania, o jornalismo de interior enfrenta inúmeros desafios que comprometem sua continuidade e efetividade. Como demonstrado neste capítulo, a precariedade de recursos, a dependência política e a falta de infraestrutura são obstáculos que comprometem a qualidade e a sustentabilidade desses veículos. Além disso, a existência dos chamados desertos de notícias, regiões sem a presença de veículos de comunicação local, enfraquece a cobertura jornalística e dificulta o acesso a informações sobre a própria realidade da população. A análise detalhada desse fenômeno será o objeto do próximo capítulo.

3 DESERTOS DE NOTÍCIAS

A ausência de veículos de comunicação local em diversas regiões do Brasil, fenômeno conhecido como ‘desertos de notícias’, representa uma grave lacuna no acesso à informação e compromete o exercício da cidadania. De acordo com o Atlas da Notícia, projeto que mapeia veículos produtores de notícias no território brasileiro, 2.706 municípios do país não possuem veículos de comunicação local ou contam com uma oferta muito limitada, impedindo que a população tenha acesso a informações relevantes sobre sua própria realidade. Ao explorar esse tema, este capítulo tem como objetivo aprofundar a análise dos desertos de notícias, contextualizando conceitos, apresentando mapeamentos realizados em outros países e discutindo os riscos associados à ausência de cobertura jornalística local.

O mapeamento do Atlas da Notícia classifica os municípios brasileiros em três categorias quanto à cobertura jornalística: desertos, quase desertos e não desertos. Desertos de notícia são aqueles que não possuem nenhum veículo de comunicação local, enquanto quase desertos apresentam apenas um ou dois veículos, correndo o risco de se tornarem desertos. Já os municípios não desertos possuem ao menos um veículo de comunicação, garantindo uma cobertura mínima da notícia local.

Segundo Coutinho, Moreira e Martins (2022), o conceito de desertos de notícias foi introduzido nos relatórios anuais produzidos desde 2016 pelo Centro de Inovação e Sustentabilidade de Mídia Local da Escola de Mídia e Jornalismo da Universidade da Carolina do Norte (EUA). O primeiro desses relatórios, intitulado “A ascensão de um novo barão da mídia e a ameaça emergente aos desertos de notícias”, apresentou a origem do termo.

O estudo baseou-se em análises de dois bancos de dados que monitoraram jornais americanos e coletaram informações ao longo de 12 anos, abrangendo mais de 9.500 veículos de comunicação local, com o objetivo de identificar e compreender formas de sobrevivência da mídia local.

Desde a primeira publicação sobre os desertos de notícias em 2016, a Escola de Mídia e Jornalismo na Universidade da Carolina do Norte manteve o registro do desaparecimento de jornais e expandiu as informações no banco de dados proprietário para mais de 9.000 títulos. O conceito gerou percepções ampliadas nos relatórios posteriores, com a inclusão de camadas contendo informações de associações de imprensas estaduais, regionais, nacionais e de uma rede independente online, e também informações

recolhidas em entrevistas com profissionais autônomos (Coutinho; Moreira; Martins, 2022, p. 69).

No Brasil, o termo "desertos de notícias" passou a ser utilizado de forma mais estruturada a partir de 2017, com o lançamento do Atlas da Notícia, iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), em parceria com a agência de dados Volt Data Lab. O mapeamento tem como objetivo fornecer um panorama geográfico abrangente sobre a distribuição dos veículos jornalísticos no país, permitindo uma avaliação da presença ou ausência de cobertura midiática em diferentes regiões, desenvolvendo análises que "trazem o mais completo panorama geográfico sobre veículos jornalísticos no Brasil" (Atlas da Notícia, 2024). Assim, as informações do Atlas da Notícia "são significativas e contribuem para a pesquisa brasileira que começa a se apropriar do termo desertos de notícias" (Dourado; Cosme; Barbosa, 2020, p. 9).

A iniciativa foi inspirada no projeto America 's Growing News Deserts, da Columbia Journalism Review (Columbia Journalism Review, 2024) que realizou um mapeamento da presença de jornais nos Estados Unidos, em meio às mudanças no modelo de negócios trazidas pela revolução digital, o que levou ao fechamento de vários veículos de comunicação (Projor, 2024).

Dourado, Cosme e Barbosa (2020) apontam que as metodologias utilizadas pelo Atlas da Notícia passaram por mudanças ao longo das edições. Na primeira, as cidades consideradas desertos eram aquelas que não possuíam jornais impressos ou online, enquanto na segunda, passaram a ser incluídas as que não tinham radiodifusão. Nas edições de 2018 e 2019, foram considerados todos os meios de comunicação, e houve a exclusão de veículos considerados não-jornalísticos, como canais de TV pertencentes ao Estado e sindicatos, o que impactou significativamente o número de desertos e quase-desertos mapeados (Dourado; Cosme; Barbosa, 2020).

A problemática dos desertos de notícias tem sido objeto de estudo em diversos países. Na Argentina, o Fórum de Jornalismo Argentino (FOPEA) realizou um importante estudo sobre a distribuição desigual do jornalismo em todo o país, resultando no Mapa dos Desertos de Notícias da Argentina. Essa iniciativa, apoiada pelo Google Argentina, produziu um panorama detalhado da situação do jornalismo local em cada cidade argentina. O mapeamento foi dividido em quatro categorias: desertos, semidesertos, semibosques e bosques. Esses dois últimos termos, que

diferem do modelo brasileiro, consideram, entre outros critérios, municípios que embora não tenham canais locais, recebem notícias de veículos de regiões próximas (FOPEA, 2024). Outra diferença a ser destacada é que o mapeamento argentino contabiliza o número de jornalistas em cada região, o que permite uma avaliação mais precisa da capacidade de produção jornalística local.

Em Portugal, o mapeamento de desertos de notícias foi realizado pela primeira vez em setembro de 2020, através de um relatório que avaliou a situação dos meios de comunicação portugueses durante a pandemia (Ramos, 2021). As categorias são: deserto de notícias, que abrange municípios sem veículos de jornalismo local; semideserto, que descreve locais onde a cobertura noticiosa é esporádica ou de baixa qualidade, como em casos de jornais que circulam com pouca frequência ou rádios que operam sem jornalistas no local; ameaçado, aplicável a regiões com apenas um veículo de imprensa que produz notícias locais; e fora do deserto, para municípios com dois ou mais meios de comunicação ativos na produção de notícias locais. (Jerónimo; Ramos; Torre, 2022). É relevante observar que, diferentemente do Brasil, Portugal adota quatro categorias e não considera apenas a existência e presença de veículos de comunicação, já que também avalia a frequência e a consistência da cobertura jornalística ao classificar.

Segundo Ramos (2021), a construção do mapa dos desertos de notícias em Portugal se baseou em dados da Entidade Reguladora da Comunicação (ERC) que indicaram a ausência de jornais ou rádios locais em determinadas cidades. No entanto, ele destaca que essa análise não leva em conta a cobertura jornalística de veículos de comunicação regionais, que podem abranger áreas geográficas mais amplas, incluindo alguns municípios classificados como desertos de notícias.

Estes fatores precisam ser considerados nas investigações a respeito do Deserto de Notícias em Portugal, assim como a existência de páginas de conteúdo não registradas na ERC, mas com audiência e influência sobre as comunidades locais. São páginas com endereços próprios ou internas em redes sociais que possuem impacto direto no jornalismo regional, seja na participação da agenda da cidade, seja no modelo de negócios, pois estas páginas disputam acessos e publicidades. Com as devidas ressalvas apresentadas, o mapeamento do Deserto de Notícias em Portugal a partir dos números da ERC é fundamental para compreender a situação do jornalismo regional no país. Esta investigação é um ponto de partida para outras pesquisas que envolvam o futuro deste tipo de jornalismo (Ramos, 2021, p. 47).

Assim, percebe-se que a existência de desertos de notícias não se restringe ao

Brasil, e o mapeamento dessas áreas enfrenta desafios metodológicos em diversos países. Embora o Atlas da Notícia represente um avanço significativo para a compreensão do panorama jornalístico brasileiro, como apontam Dourado, Cosme e Barbosa (2020), é importante discutir as limitações e desafios inerentes à definição e classificação desses desertos, tema que será aprofundado na próxima seção.

3.1 LIMITAÇÕES DA CLASSIFICAÇÃO E DO CONCEITO DE DESERTOS

No Brasil, o Atlas da Notícia foi a principal fonte para os estudos iniciais sobre desertos de notícias, ao fornecer dados sobre a presença ou ausência de veículos locais em diversas regiões (Coutinho; Moreira; Martins, 2022.) Apesar disso, os desertos de notícias constituem uma realidade complexa que necessita de maior investigação e debate nos estudos contemporâneos sobre mídia e jornalismo local, especialmente no contexto brasileiro (Reis, 2022). Dessa forma, é essencial aprofundar a compreensão das problemáticas relacionadas ao conceito e à caracterização dos desertos de notícias no Brasil.

O termo "desertos de notícias" ainda não se apresenta como um conceito consolidado na pesquisa de jornalismo no Brasil, como apontam Mota e Pacheco (2024). Essa falta de definição clara pode gerar ambiguidades e dúvidas sobre sua aplicação, dificultando a análise e a discussão em torno do tema. Já nos Estados Unidos, onde o conceito foi originado, o estudo dos chamados news deserts conta com um número maior de trabalhos acadêmicos publicados (Dourado, Cosme e Barbosa, 2020).

Além disso, Reis (2022) explica que o termo "deserto de notícia" é utilizado de forma distinta no Brasil em comparação com sua concepção original nos Estados Unidos. A pesquisadora destaca que, no Atlas da Notícia, a abordagem é quantitativa e não leva em consideração vinculações políticas, por exemplo. Assim, os desertos de notícias identificados pelo Atlas são caracterizados unicamente pela ausência de infraestrutura de mídia (Reis, 2022). Dessa forma, a autora argumenta que "é preciso considerar os desertos do Atlas como referências, pistas de uma realidade a ser aprofundada, mas não como um dado fechado e definitivo" (Reis, 2022, p. 84). Reis se justifica ao sugerir que há uma lacuna de pesquisas sobre a mídia em cidades médias e pequenas fora dos grandes centros urbanos, enfatizando que esses locais oferecem oportunidades para a análise da infraestrutura de mídia, produção de

notícias locais e padrões de consumo. A autora destaca a Amazônia Legal, com suas 34 cidades médias, como exemplo de um território sub explorado academicamente, sugerindo que essas cidades, além de possuírem características próprias, podem funcionar como centros de distribuição de informações para regiões vizinhas, muitas delas desertos de notícias.

Reis amplia o debate ao sugerir que as cidades médias podem se mostrar relevantes na cobertura regional, demonstrando que é possível alinhar a produção jornalística local com a regional, sem se limitar à cobertura de acontecimentos externos: “Diante desta lacuna, argumentamos que as cidades médias funcionam como locais de referência de mídia/jornalismo para a região de influência a partir da produção de notícias e do consumo da informação de proximidade (Reis, 2022, p. 223).”

Martins (2022) sustenta essa perspectiva ao analisar os desertos de notícias na Zona da Mata Mineira. Em seu estudo, o autor observa que o município de Santa Bárbara do Monte Verde, devido à sua proximidade geográfica com Juiz de Fora, um importante centro regional, é mais beneficiado pela cobertura jornalística local. Em contrapartida, municípios mais distantes, como Cipotânea e Sericita, enfrentam maiores dificuldades no acesso à produção noticiosa. O autor conclui que, além de analisar a produção informativa em cada localidade, é fundamental levar em conta a influência das cidades próximas.

Importante colocar que não se trata de pensar que os municípios não devem ter um veículo de mídia, mas que assim como outros bens e serviços, podem ter assistência por parte de cidades centrais que se encontram próximas a elas. Ou seja, nesse sentido, podemos pensar também nas variáveis possíveis para a aplicação do conceito de desertos de notícias. (Martins, 2022, p. 122)

Benezath (2021) corrobora com a ideia de que o conceito de deserto de notícias merece reflexão, ao questionar se a ausência de um veículo institucionalizado realmente caracteriza um "deserto". Ela argumenta que a internet possibilitou a criação de outros produtos noticiosos relevantes, independentemente da grande mídia, sejam eles fruto do jornalismo profissional ou de indivíduos e coletivos independentes. Além disso, destaca que as redes sociais podem contribuir para a comunicação comunitária e o desenvolvimento da cidadania, ao promover discussões que muitas vezes não encontram espaço nos veículos tradicionais.

A premissa por trás do conceito é de que as comunidades que não dispõem de veículos institucionalizados de jornalismo, vivem em desertos de notícias e têm a cidadania afetada, por não dispor de informações de qualidade que favoreçam a participação nas decisões coletivas, levando-as a ser submetidas a processos de desinformação e manipulação. Esta é uma questão importante e controversa, que exige compreender as redes de informação que vigoram em determinados espaço-tempos, uma vez que não é seguro que os veículos jornalísticos convencionais sejam os únicos capazes de prover informação de qualidade, dada a disponibilidade e acesso facilitado na web de fontes de alta reputação (Benezath, 2020).

Cassol (2024) ainda observa que, nos Estados Unidos, a pesquisa sobre desertos de notícias tem incorporado novas camadas de análise, incluindo questões relacionadas à propriedade dos veículos e à análise de conteúdo. O objetivo é verificar se esses veículos atendem às "necessidades críticas de informação", cobrindo temas como segurança pública, saúde e educação.

Logo, a classificação de um município como deserto de notícias, baseada na ausência de infraestrutura de mídia local, não significa necessariamente que seus habitantes estejam completamente desprovidos de informações locais. Assim como a presença de um veículo de comunicação local não garante que o acesso às informações seja completamente assegurado (Benezath, 2021). Cidades médias vizinhas, como destacado por Reis (2022), podem suprir essa demanda ao produzirem conteúdo relevante para a região e atuarem como centros de distribuição de notícias. Cassol (2024, p. 4), reforça essa perspectiva ao afirmar que, no mapeamento realizado pelo Atlas, não se considera “que veículos de uma capital regional ou de um centro sub-regional possam de certa forma atender as necessidades de informação em municípios que não possuem veículos”. Além disso, a existência de meios de comunicação alternativos, vinculados a entidades, igrejas e movimentos sociais, é uma particularidade brasileira que não é considerada pelo Atlas da Notícia (Cassol, 2024).

A análise do Atlas da Notícia revela a complexidade do panorama jornalístico no Brasil, destacando a necessidade de compreender as dinâmicas da cobertura local. Ao mapear a presença e a ausência de veículos de comunicação em diversas regiões, o Atlas não apenas fornece dados importantes, mas também sinaliza lacunas que requerem investigação mais aprofundada. Nesse contexto, novas abordagens e fontes de informação podem enriquecer a compreensão das particularidades do jornalismo em diferentes localidades.

O trabalho desenvolvido pelo Atlas da Notícia abriu caminho para investigações que agora demandam outras informações armazenadas em múltiplos bancos de dados, assim como estratégias de pesquisas específicas para conhecer as particularidades do espaço que se pretende pesquisar (Coutinho; Moreira, Martins, 2022, p. 77).

Dessa forma, embora o Atlas da Notícia tenha representado um avanço significativo ao fornecer dados sobre a presença e ausência de veículos de comunicação, autores como Reis (2022) e Martins (2022) enfatizam a importância de considerar não apenas a infraestrutura de mídia, mas também as dinâmicas regionais e a interconexão entre cidades médias e pequenas. Além disso, a reflexão proposta por Benezath (2020) sobre a influência da internet e da mídia alternativa desafia a ideia de que a ausência de veículos forma um deserto absoluto. Portanto, as lacunas identificadas nos mapeamentos ressaltam a necessidade de um debate contínuo sobre as condições do jornalismo local e da comunicação no interior do Brasil.

3.2 RISCOS E DESAFIOS DO JORNALISMO EM DESERTOS DE NOTÍCIA

Prestar serviços de utilidade pública é uma das funções sociais da comunicação, por meio da informação sobre eventos que impactam diretamente a vida das pessoas (Medeiros, 2020). Dessa forma, o autor argumenta que a ausência de notícias em algumas áreas impede que a população tenha uma visão clara de sua própria realidade, afetando também as relações entre as pessoas e a preservação de costumes locais. Esse cenário, somado à desconfiança nas mídias tradicionais e ao crescimento da desinformação, ameaça a democracia. Nesse contexto, Prado e Bronosky (2019) afirmam ser essencial compreender as dinâmicas do jornalismo produzido fora dos grandes centros econômicos e políticos, tanto para entender um mercado carente de iniciativas jornalísticas, como apresentado pelo Atlas da Notícia, quanto para oferecer interpretações que conectem os consumidores aos acontecimentos locais.

Os desertos de notícias privam a população de ter informações sobre a própria realidade, além de impactar nas relações sociais entre moradores e na manutenção de identidades culturais locais, representando uma ameaça à democracia em meio à crise de credibilidade midiática que vem sendo amplificada pela emergência das fake news. As informações que chegam até as pessoas que vivem em desertos de notícias falam de uma realidade que para elas é plastificada ou não interessa aos seus cotidianos, em detrimento

de informações sobre serviços básicos que afetam diretamente suas vidas (Medeiros, 2020, p. 375).

O jornalismo frequentemente atua em benefício de segmentos sociais específicos, geralmente aqueles que detêm maior poder e influência, como as classes médias e empresariais (Benezath, 2021). Nesse sentido, Sonia Aguiar (2016) propõe que a regionalização midiática deve ser analisada de forma multiescalar, o que ajuda a entender como as dinâmicas de produção jornalística se organizam em diferentes territórios. Segundo essa abordagem, a ausência de veículos locais em desertos de notícias não se trata apenas de uma questão geográfica, mas também de como esses territórios são integrados (ou excluídos) das redes de comunicação que conectam local, regional e nacional.

Deolindo (2018) reforça a ideia de Aguiar ao afirmar que, a escolha de locais para a instalação de indústrias de mídia, historicamente, tem sido direcionada para grandes centros urbanos. Isso se deve às características demográficas, sociais, tecnológicas, econômicas e culturais desses locais, que os tornam atrativos para investimentos desse porte. No entanto, essa concentração acarreta um risco para a população de pequenos municípios, muitas vezes privada de cobertura informativa local.

Não se pode perder de vista que as cidades em que as principais firmas de mídia estão localizadas, em geral, além de serem áreas dotadas de aparatos técnicos, culturais e econômicos pujantes, são também a área de influência de políticos, grupos religiosos e famílias que controlam a posse não apenas dos veículos de mídia isolados mas também parte ou a totalidade dos conglomerados dos quais fazem parte (Deolindo, 2018, p. 8).

Assim, diversas pesquisas têm investigado a ausência de veículos de comunicação em diferentes regiões e os impactos dessa carência de informações de qualidade. Em sua dissertação, Martins (2022) investigou a oferta de informação local em três municípios da Zona da Mata Mineira – Cipotânea, Santa Bárbara do Monte Verde e Sericita – que são caracterizados como desertos de notícias. O estudo utiliza como referência principal o conceito de desertos de notícias para identificar municípios sem veículos de comunicação local, conforme o Atlas da Notícia. A principal questão levantada é o que significa ser um deserto de notícias nesta região, focando na identificação de possíveis produções de informação local e no consumo de notícias pelos habitantes dessas localidades.

Uma das conclusões é que, na ausência de uma imprensa profissional, as pessoas desenvolvem estratégias para se comunicar e informar, o que foi observado nas entrevistas com os responsáveis pelas duas rádios comunitárias identificadas e pelos administradores de páginas em redes sociais. Também se percebeu que nas localidades estudadas, há uma semelhança na definição do que é considerado informação.

Nas entrevistas que foram realizadas, respostas comuns sobre o que é notícia nos municípios foram: notas de falecimentos, achados e perdidos, atendimento específicos nos postos de saúde, eventos que ocorrem nas cidades e, no caso da pandemia, divulgação do número de pessoas infectadas e também de informações relativas a vacinação (Martins, 2022, p. 121).

Em análise sobre desertos de notícias no interior do Pará, Javorski e Bargas (2020) apontaram que, em comunidades com pouca tradição de mídias locais, os cidadãos enfrentam dificuldades para diferenciar informações jornalísticas de outros tipos, o que reduz as chances de estarem bem-informados e acessarem sua condição de cidadãos. Além disso, a falta de compreensão sobre a importância da informação local resulta em uma baixa disposição para atuarem como fontes, o que torna o exercício do jornalismo nesses locais ainda mais complicado.

Se há dúvidas sobre as maneiras pelas quais se informar e sobre a qualidade das informações obtidas, como os cidadãos rondonenses podem ter informações úteis para exercerem sua cidadania? Tal questão incide justamente no nosso argumento de que a presença de ações, profissionais e conteúdo jornalístico de caráter comunitário tende a reverter esta questão (Javorski; Bargas, 2020, p. 13).

A pesquisa realizada por Letícia Duarte (2023) sobre desertos de notícias, tendo como estudo de caso a cidade de Andorinha (BA), revela como a ausência de veículos jornalísticos locais impacta diretamente a circulação de informações no município. Em cidades como Andorinha, com aproximadamente 15 mil habitantes e sem qualquer veículo de comunicação local, a população depende de meios informais como grupos de WhatsApp para se informar, o que aumenta a disseminação de desinformação. A pesquisa demonstra que a falta de cobertura jornalística deixa os habitantes mais vulneráveis a notícias falsas e rumores, o que compromete o entendimento da realidade local e a capacidade de reagir de forma crítica aos eventos da cidade.

Em 2021, Rita Benezath realizou uma pesquisa na cidade de Alfredo Chaves, no Espírito Santo, classificada pelo Atlas como um quase deserto, devido à presença de uma rádio comunitária. O objetivo do estudo era identificar formas alternativas de criação de redes de informação e compreender como os moradores validam a confiabilidade das informações que circulam no contexto local.

O estudo de Benezath (2021) concluiu que, apesar da carência de veículos jornalísticos formais em Alfredo Chaves, os moradores ainda encontram formas de se comunicar e acessar informações, especialmente por meio das mídias sociais digitais, que se tornam instrumentos importantes para o direito à comunicação, já que “a necessidade de criar e manter vínculos sociais é substituída por outros recursos promovidos pela coletividade” (Benezath, 2021, p. 4). No entanto, segundo ela, esse direito continua sendo limitado, especialmente nos distritos mais afastados. Além disso, os canais da prefeitura, principalmente suas redes sociais, são consultados como fontes confiáveis. A pesquisa também destacou que, apesar do avanço da internet, os contatos interpessoais em espaços públicos ainda desempenham um papel importante na circulação de informações. Contudo, regiões mais afastadas sofrem com deficiências de infraestrutura e falta de cobertura informacional, inclusive em situações emergenciais, como na pandemia. Isso porque, “embora se tenha a visão de que todos têm acesso, a realidade nessas regiões pode ser um tanto quanto diferente. Mas as notícias continuam e a comunicação entre os moradores acompanha o ritmo, já que vivem há anos neste cenário “desértico” (Benezath, 2021, p. 8).”

Em 2020, Dourado, Cosme e Barbosa realizaram uma pesquisa na cidade de Uruçuí, Piauí, classificada pelo Atlas da Notícia como um quase deserto de notícias. A pesquisa teve como objetivo analisar como o trabalho jornalístico se configura nos veículos locais. O estudo revelou que os veículos jornalísticos de Uruçuí operam em um contexto de precarização, marcado pelas vulnerabilidades do trabalho no interior nordestino. Destaca-se que, nos veículos web jornalísticos do município, toda a produção é realizada por um único trabalhador, muitas vezes com o auxílio de uma companheira, que também assume a parte comercial. A rádio comunitária Liberdade FM, apesar de ser uma exceção, ainda conta com uma equipe extremamente reduzida, composta por apenas três pessoas, responsáveis por todas as etapas da produção jornalística (Dourado; Cosme; Barbosa, 2020). Logo, a falta de estrutura local e a migração de profissionais comprometem a oferta de informações confiáveis

e o direito à comunicação nas regiões mais vulneráveis.

A fragilidade econômica e social de Uruçuí faz com que os recursos dos veículos sejam reduzidos. Na maioria deles, a produção acontece na própria residência dos donos e estes vão em busca de melhores oportunidades de emprego em cidades maiores como Teresina, ou exercem outras atividades também na área de Comunicação (Dourado; Cosme; Barbosa, 2020, p. 13).

Em junho de 2024, a Agência Mural publicou a reportagem especial Sem Notícias, que explora a realidade do município de Pirapora do Bom Jesus, localizado na região metropolitana de São Paulo, o qual enfrenta a ausência de veículos de comunicação local, caracterizando-se como um deserto de notícias. A equipe da Agência Mural entrevistou autoridades, especialistas e moradores, que relataram como acessam informações: por meio de boca a boca, carro de som, grupos de WhatsApp, site da prefeitura, transmissões ao vivo do prefeito, perfis em redes sociais, avisos nas igrejas e canais oficiais de vereadores. Em meio aos relatos, um morador destacou a predominância de informações mediadas por políticos, em especial vereadores, evidenciando a escassez de notícias não vinculadas a interesses políticos. A reportagem apontou diversos impactos vividos por comunidades em desertos de notícias, como o menor acesso da população mais pobre a informações sobre benefícios sociais e cursos de qualificação profissional, a prevalência de um debate público pautado por interesses particulares e as dificuldades enfrentadas no combate à desinformação.

A carência de veículos de comunicação locais em municípios classificados como desertos e quase desertos de notícias, como demonstram os estudos de Martins (2022), Javorski e Bargas (2020), Duarte (2023) e Benezath (2021), impacta significativamente a vida dos cidadãos. As pesquisas convergem em um ponto central: a dependência de fontes alternativas de informação, como redes sociais e grupos de WhatsApp, expõe a população à desinformação e dificulta a construção de um debate público qualificado. A falta de jornalismo profissional compromete a capacidade dos indivíduos de avaliar criticamente as informações e de exercer sua cidadania de forma plena. Além disso, a desigualdade no acesso à informação, especialmente em áreas mais remotas, agrava as disparidades sociais e limita as possibilidades de desenvolvimento local.

Assim, a ausência de veículos de comunicação em diversas regiões do Brasil afeta significativamente a vida dos cidadãos, limitando o acesso à informação e

dificultando a participação na vida pública. Por isso, é importante investigar como essa realidade se manifesta no Rio Grande do Sul. O capítulo a seguir aprofunda a análise dos quase desertos de notícias, identificados no mapeamento do Atlas da Notícia.

4 ANÁLISE

Conforme o exposto neste trabalho, constata-se que o jornalismo de interior é essencial para as comunidades locais, porém, enfrenta obstáculos que comprometem sua qualidade e regularidade. A falta de recursos financeiros, a dependência de fontes oficiais e as limitações estruturais são alguns dos desafios que impedem os veículos interioranos de informar a população de maneira completa e precisa.

Assim, este capítulo tem como objetivo investigar a produção de conteúdo dos veículos jornalísticos localizados em municípios do Rio Grande do Sul, classificados como quase desertos de notícias, de acordo com o Atlas da Notícia. A análise busca compreender as características específicas do jornalismo praticado por esses veículos e como esses aspectos influenciam o acesso à informação e o exercício da cidadania nas regiões em questão. Ao examinar a atuação desses veículos, pretende-se identificar não apenas suas limitações, mas também as potencialidades que podem ser exploradas para melhorar a qualidade da informação disponível à população.

4.1 METODOLOGIA

Para investigar o cenário de quase desertos de notícias no Rio Grande do Sul, foi desenvolvida uma metodologia com base nos dados do Atlas da Notícia e em uma coleta detalhada de informações dos veículos locais online.

O Atlas da Notícia é um levantamento nacional que mapeia os veículos de comunicação no Brasil, conduzido pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) em colaboração com o Volt Data Lab. A iniciativa foi desenvolvida em 2017 pelos jornalistas Ângela Pimenta e Sérgio Spagnuolo, inspirada no projeto "America's Growing News Desert", da revista Columbia Journalism Review, que mapeou a existência de veículos nos Estados Unidos em meio às mudanças no modelo de negócios do jornalismo, que resultaram no fechamento de vários jornais. A metodologia do Atlas envolve duas etapas principais: a coleta inicial de dados junto à Secretaria de Comunicação da Presidência da República e ao Ministério das Comunicações, para veículos impressos, online, rádios e TVs; e uma etapa complementar com dados obtidos por meio de contribuições abertas ao público, voluntários, colaboradores e pesquisadores da equipe. Embora mapeie diversos tipos de veículos, o Atlas considera em sua pesquisa apenas aqueles com viés jornalístico,

sendo esta uma base fundamental para o estudo de desertos e quase desertos de notícia no país.

Conforme o mapeamento, existem 2.706 desertos de notícias e 1.636 quase desertos no Brasil. No Rio Grande do Sul, são 196 municípios considerados desertos de notícias e 144 classificados como quase desertos. De acordo com o Atlas da Notícia, os desertos de notícia são municípios que não possuem nenhum veículo cadastrado em sua base de dados. Já os quase desertos são aqueles que possuem um ou dois veículos de comunicação, correndo o risco de se tornarem desertos.

O site do Atlas da Notícia¹ disponibiliza sua base de dados, com a qual é possível realizar pesquisas e acessar informações de forma filtrada. Assim, realizou-se uma busca que filtrou os veículos pela região Sul, especificamente o estado do Rio Grande do Sul, e do segmento online, escolhas que serão justificadas a seguir. Ao focar nos quase desertos, a pesquisa analisa um cenário em que a produção jornalística ainda existe, mas enfrenta desafios significativos. Além disso, essa análise possibilita identificar fatores que podem levar à formação de desertos de notícias.

O estado do Rio Grande do Sul foi escolhido para análise devido à proximidade geográfica, o que facilita o acesso às informações e à realidade dos veículos locais. Além disso, a delimitação geográfica é necessária para garantir um escopo claro e viável. A escolha também se justifica pela existência de outros estudos que abordam o jornalismo local gaúcho, oferecendo uma base comparativa sólida para o desenvolvimento da pesquisa. Essas escolhas permitem investigar como os veículos se adaptam a um contexto adverso e quais estratégias adotam para garantir a cobertura jornalística local.

Dentre os veículos de comunicação presentes nesses municípios, 53 são plataformas de jornalismo online, conforme o mapeamento do Atlas da Notícia. A escolha por analisar veículos de jornalismo online se justifica pelo fenômeno crescente do uso da internet como meio de produção e consumo de informação. A análise dos veículos online permitirá investigar como esses veículos utilizam as ferramentas digitais para alcançar o público local. No entanto, o veículo A Hora Regional, de Boqueirão do Leão, foi desconsiderado da análise, pois encerrou sua versão local, deixando de operar em um município classificado como quase deserto de notícias.

Após uma análise prévia dos portais online identificados no Atlas da Notícia,

¹ Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/dados/app/>

foram construídos critérios de análise que permitiram a elaboração de um formulário digital². Este instrumento, aplicado às 52 iniciativas, permitiu uma coleta de informações sobre diversos aspectos das práticas jornalísticas desses veículos, como frequência de publicação, cobertura local e presença em redes sociais. O formulário incluiu as seguintes perguntas:

- a) Nome do veículo
- b) Município
- c) O veículo possui um site?
- d) Nativo digital ou vinculado a um veículo analógico?
- e) Quantas publicações foram feitas nos últimos 90 dias?
- f) Quantos dias desde a última publicação?
- g) Quantas matérias, dos últimos 90 dias, se referem ao município e região?
- h) Quantas matérias, dos últimos 90 dias, são originais?
- i) O portal possui perfil nas redes sociais?
- j) Quantos dias desde a última publicação nas redes sociais?
- k) De quantos dias é a notícia mais atualizada da capa?
- l) Possui capa atualizada? (primeiro scroll)
- m) Possui divisão de editorias?
- n) Publica expediente?
- o) Comentários

Os critérios para análise foram escolhidos com o objetivo de entender a estrutura dos veículos, permitindo uma avaliação da capacidade de produção e do nível de cobertura que esses meios proporcionam à população local. A análise da frequência de publicações e da quantidade de matérias relevantes para a comunidade é essencial para compreender como esses portais se posicionam no cenário da comunicação local. Além disso, a presença e a atividade nas redes sociais podem indicar como a informação é disseminada e consumida na região.

Durante o período de 17 a 24 de outubro, foi realizada a coleta de dados dos veículos de quase desertos de notícia, com foco na análise das publicações dos últimos 90 dias. Esse intervalo de tempo foi estabelecido para avaliar três aspectos

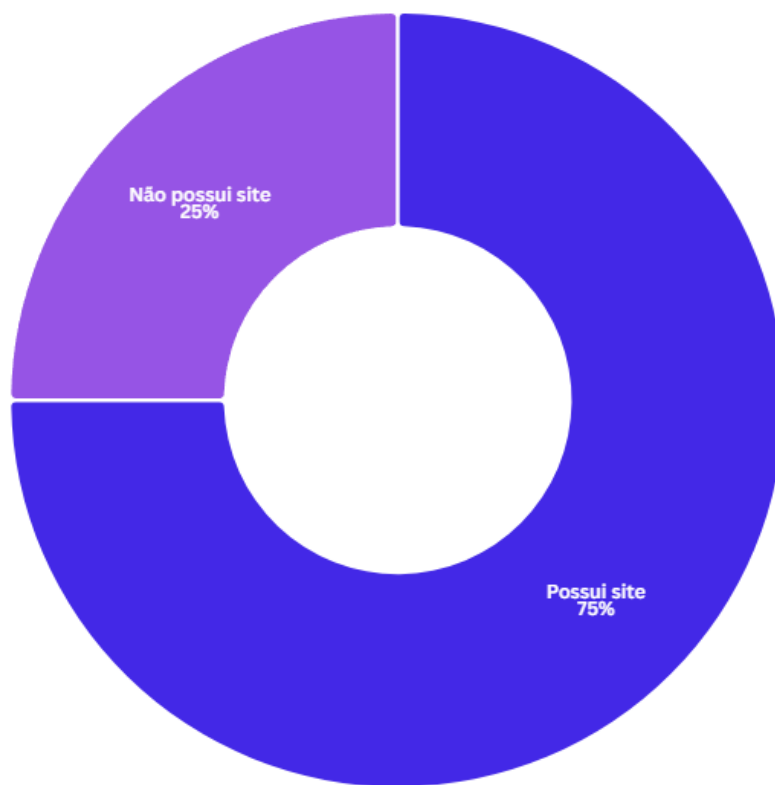
² Disponível em: <https://bit.ly/4fkAsHV>

centrais: a frequência de publicação, a cobertura local e a originalidade das reportagens. A escolha por analisar os últimos 90 dias permite captar um panorama atualizado e consistente das práticas jornalísticas desses veículos, verificando tanto a regularidade das publicações quanto a proporção de conteúdo local e original. A coleta foi realizada em dias diferentes para cada veículo devido ao volume de objetos analisados, mas a padronização do período de análise assegura comparabilidade entre os dados e oferece uma base sólida para interpretar a capacidade de produção e o alcance informativo dos portais examinados.

4.2 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados coletados revelam a configuração atual dos veículos de comunicação, destacando as características que influenciam sua operação e a qualidade da informação produzida. A investigação sobre a existência de um site próprio foi realizada porque, em análise preliminar, constatou-se que alguns veículos publicavam notícias exclusivamente por meio de redes sociais. Dos veículos analisados, 75% possuem um site próprio para divulgação das notícias, enquanto 25% limitam-se a uma página no Facebook ou Instagram, onde compartilham seu conteúdo. A presença nas redes sociais é quase unânime, com apenas dois veículos sem perfil nessas plataformas. A maioria, 94,1%, mantém uma página no Facebook, enquanto 49% também possuem perfil no Instagram. O Facebook é amplamente utilizado e, em alguns casos, serve como o principal meio de compartilhamento de notícias, especialmente para os veículos que não têm um site. Além disso, 54% dos veículos atualizaram suas redes sociais no mesmo dia da análise, enquanto 12% estavam sem atualizações há mais de 11 dias.

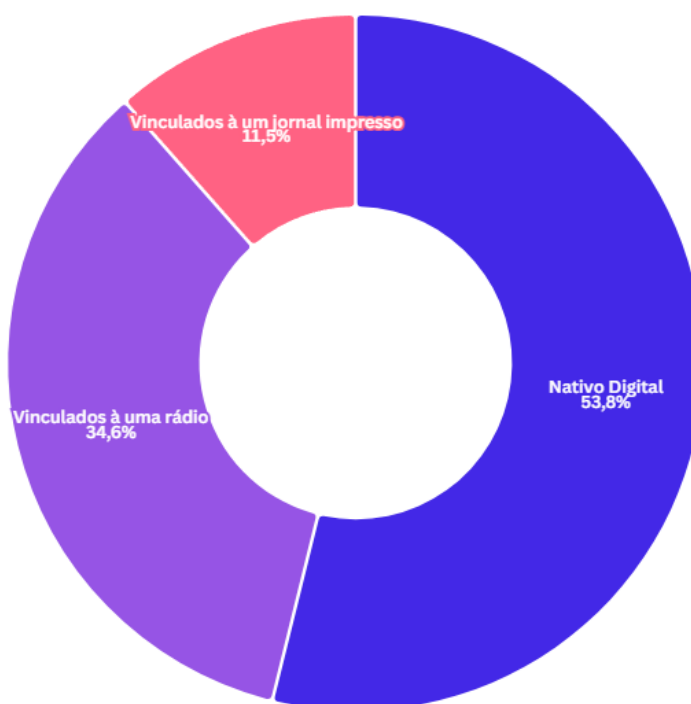
Gráfico 1 - Veículos com site próprio

Veículos com site próprio

Fonte: o autor (2024)

Em relação à natureza dos veículos, mais da metade (53,8%) são nativos digitais, 34,6% estão vinculados a uma rádio e 11,5% a um jornal impresso. Destacam-se casos específicos de veículos vinculados a rádios, como a Rádio Hortêncio, de São José do Hortêncio, e a 90.7 FM, de Entre-Ijuís, cujos sites funcionam apenas como plataformas para a transmissão da programação ao vivo, sem veicular matérias jornalísticas.

Gráfico 2 – Natureza do veículo

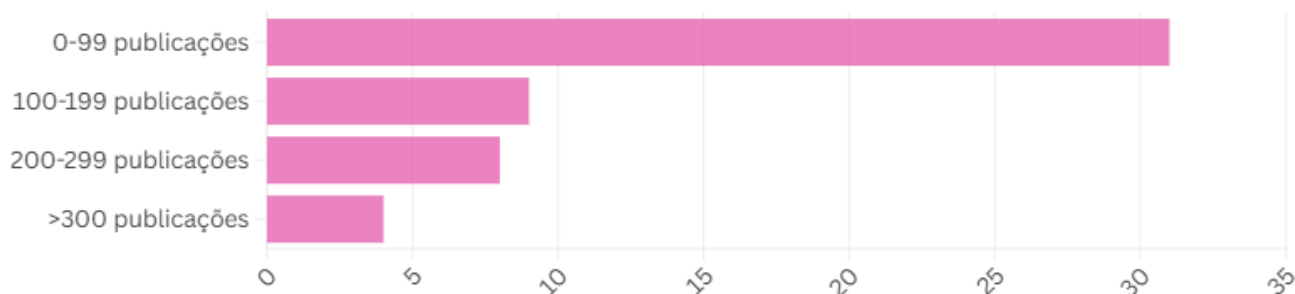
Natureza do veículo

Fonte: o autor (2024)

Os resultados sobre periodicidade, quantidade de notícias locais e conteúdo original serão apresentados através do cálculo de mediana, visto que a amostra apresenta dados de grande variância e essa medida é menos sensível a grandes variações. Avaliar esses aspectos permitiu verificar quais veículos se mantêm ativos e de que forma contribuem para a oferta de informações locais. Em relação a quantidade de publicações feitas nos últimos 90 dias, a mediana é de 95 publicações. Observou-se que 60% dos veículos realizaram entre 0 e 99 publicações no período analisado, indicando uma periodicidade de menos de 2 publicações por dia. Apenas 8% dos 52 veículos analisados apresentaram mais de 300 publicações, correspondendo a uma periodicidade superior a 3 publicações diárias. Quanto à atividade dos veículos, 44% estavam ativos e tiveram notícias publicadas no mesmo dia da análise, com a última atualização registrada a zero dias. Outros 23% realizaram sua última publicação entre 1 e 10 dias atrás, podendo também ser considerados ativos em alguma medida. Já 17% dos veículos não publicavam há mais de 30 dias.

Gráfico 3 - Publicações nos últimos 90 dias

Publicações nos últimos 90 dias

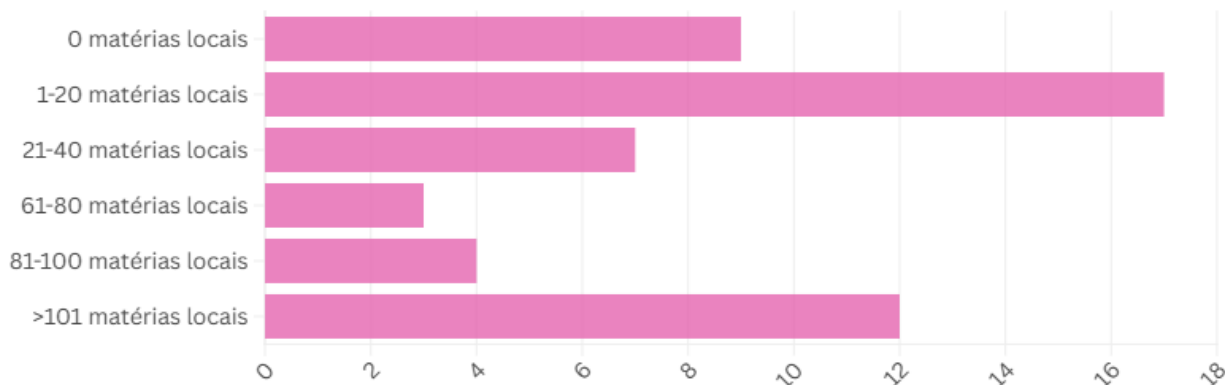


Fonte: o autor (2024)

Em relação à quantidade de matérias locais, observou-se uma mediana de 70 publicações. Dentre os veículos analisados, 17% não possuem nenhuma matéria referente ao município ou região publicada nos últimos 90 dias. Além disso, 46% têm no máximo 40 matérias locais nesse período. Em contrapartida, 36% apresentaram mais de 60 publicações referentes ao município ou região nos últimos 90 dias.

Gráfico 4 - Matérias locais nos últimos 90 dias

Matérias locais nos últimos 90 dias



Fonte: o autor (2024)

Destacam-se na produção de conteúdo local o veículo Tribuna do Pampa, de Parobé, que publicou 289 matérias nos últimos 90 dias, sendo 282 sobre o município e a região, e o Primeira Hora, de Bom Princípio, que fez 215 publicações, das quais 207 são relacionadas ao município e região. Por outro lado, veículos como a Rádio Capoense, de Muitos Capões, e a Rádio Comunitária Cultura FM, de São Valério do

Sul, apesar da atualização frequente, limitam-se a reproduzir matérias do g1rs, sem qualquer curadoria local, e não produzem conteúdo original.

Quanto à originalidade das publicações, foi calculada uma mediana de 22 matérias originais nos últimos 90 dias. Mais da metade dos veículos, totalizando 56%, publicou no máximo 10 matérias originais nesse período.

Para a análise dos itens editoria, expediente e atualização de capa, foram considerados apenas os veículos que possuíam um site. Ao observar a estrutura desses sites, constatou-se que mais da metade dos veículos (54,9%) não apresenta divisão de editorias, o que dificulta a organização e o acesso às notícias por tema. Além disso, 66,7% dos veículos não publicam expediente. Em relação à atualização da capa, verificou-se que 55,1% dos veículos mantinham a capa atualizada. Entre eles, 12 veículos apresentavam notícias do mesmo dia na capa, enquanto em 9 continham notícias de 1 a 10 dias atrás. Em contraste, 14 veículos não atualizavam a notícia da capa há mais de 11 dias, refletindo também a quantidade de portais com atualizações esporádicas. Destaca-se o caso do veículo Clic em Foco, da cidade de Selbach, que, embora estivesse ativo, ainda mantinha na capa notícias relacionadas à covid-19, cuja atualização mais recente datava de 604 dias atrás.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados descritos na seção anterior, embora quantitativos, trazem à tona aspectos qualitativos relevantes sobre a produção de notícias em regiões com escassez de veículos jornalísticos no Rio Grande do Sul. A análise a seguir aprofunda esses resultados, explorando as características dos veículos existentes, o impacto da falta de jornalismo local, o papel das redes sociais e o potencial de iniciativas bem-sucedidas.

O cenário do jornalismo em regiões classificadas como quase desertos de notícias apresenta grande diversidade em suas práticas e estrutura. Observa-se que alguns veículos mantêm uma produção consolidada, com cobertura local e original relevante para a comunidade. Em contraste, é comum encontrar práticas menos consistentes, como a reprodução de matérias de outras fontes e a baixa frequência de atualizações. Além disso, há particularidades específicas tanto na estrutura organizacional quanto nas práticas jornalísticas, o que dificulta uma definição uniforme para o jornalismo nesses contextos. Essa percepção é corroborada por Bueno (2013),

que descreve os veículos de comunicação do interior como marcados por uma abordagem pluralista, evidenciada na diversidade de formatos, estruturas, propostas editoriais e objetivos.

Em geral, nota-se que a maioria dos veículos analisados não possui estrutura suficiente para manter um fluxo alto de conteúdo, como demonstrado pelo dado de que apenas 8% dos veículos conseguem publicar com uma periodicidade superior a 3 matérias por dia. Esses fatores podem estar relacionados a uma possível falta de recursos e ao tamanho reduzido das equipes. Porém, o fato de que 44% dos sites estão ativos e realizaram publicações no mesmo dia da análise aponta uma quantidade considerável de veículos em operação, mesmo que com uma periodicidade reduzida.

O jornalismo de interior, como apontam Beltrão (2013), Dornelles (2013), Fernandes (2013) e Hartmann (2011), tem como foco principal a veiculação de notícias locais. Essa prática é necessária porque a população de municípios do interior, muitas vezes, não se reconhece nas pautas dos veículos de grandes centros urbanos, que priorizam questões de alcance nacional e internacional.

No atual processo de globalização, parece-nos claro que a notícia de proximidade se torna cada vez mais necessária para que o homem não perca suas raízes, sua identidade, a interação com a sua comunidade. Aqui, reside uma das principais funções dos meios de comunicação do interior (Fernandes, 2013, p. 133).

A mediana de 70 matérias locais publicadas em 90 dias aponta que muitos veículos conseguem manter uma quantidade razoável de conteúdo focado na comunidade. Para efeito de comparação, a média foi de 81 publicações, mas optou-se por utilizar a mediana uma vez que alguns poucos veículos apresentam uma produção muito acima do padrão, refletindo realidades distintas. Além disso, 17% dos veículos não publicaram nenhuma matéria local no período analisado, e outros 46% mantiveram no máximo 40 publicações locais. Esses números podem sugerir um afastamento de alguns veículos em relação à produção de notícias específicas e relevantes para a comunidade local, potencialmente deixando de atender às necessidades informativas da população em áreas menos atendidas. Esses dados podem ser atribuídos, também, à baixa frequência de atualização, já que 60% dos veículos realizaram menos de 100 publicações no período analisado, o que indica uma

periodicidade de menos de 2 publicações por dia. Além da irregularidade, observa-se que muitos veículos com maior volume de notícias locais reproduzem conteúdos de veículos regionais maiores, limitando a originalidade e a representatividade da cobertura local. Um exemplo disso é o Portal Integração Leia Aí, de Parobé, que publicou 278 matérias locais, mas somente 37 originais, o que representa cerca de 13%. Esse dado indica não apenas a falta de recursos e estrutura para a produção de notícias locais, mas também está diretamente relacionado à dificuldade em gerar conteúdo original.

A ausência de originalidade nas matérias em diversos veículos parece ser tratada como uma prática normal, o que inclui também a falta de atribuição de créditos. Ao considerar que 56% dos veículos analisados publicaram, no máximo, 10 matérias originais em um período de 90 dias, soma-se o dado de que 66,7% desses veículos não disponibilizam expediente, o que evidencia a ausência de reconhecimento em relação aos autores das matérias, sejam eles membros da própria redação ou fontes externas.

Ao não produzir conteúdo original e local, o veículo se transforma em um mero reprodutor de informações, frequentemente dependendo de publicações de agências, sites de prefeituras e releases de instituições. Essa dependência limita a diversidade de perspectivas e a profundidade das notícias, prejudicando a qualidade da informação disponível para a população. Como resultado, a comunidade perde acesso a uma cobertura relevante do município, o que enfraquece o exercício da cidadania. A falta de produção original e local também dificulta a criação de um vínculo mais forte entre o veículo e a realidade da comunidade, comprometendo a função do jornalismo de refletir e promover o debate sobre as questões locais. Conforme aponta Santana (2013), o uso de informação produzida por fontes externas tem feito com que as reportagens deixem de ter relevância em pequenas redações.

Isso tem contribuído para que, pouco a pouco, a função da reportagem perca cada vez mais espaço nas redações. Já são raras nos diários brasileiros interioranos as grandes matérias, fruto de trabalhos investigativos e que partem de sugestões de pauta de repórteres e editores, e não originadas de fontes oficiais (Santana, 2013, p. 150).

Os dados refletem uma realidade complexa no jornalismo de interior: por um lado, há limitações evidentes, como a baixa frequência de publicações originais e a forte dependência de fontes externas, o que pode enfraquecer o vínculo dos veículos

com a comunidade e reduzir a diversidade e profundidade da cobertura. No entanto, alguns desses veículos ainda desempenham um papel importante ao divulgar informações locais e manter um volume mínimo de publicações, que, apesar das dificuldades, assegura um certo nível de visibilidade às questões da comunidade. Dessa forma, mesmo que esses jornais enfrentem desafios estruturais, sua presença ainda representa um potencial para o fortalecimento da cidadania e para o desenvolvimento de uma cobertura mais alinhada às necessidades locais.

Como exemplo de iniciativa bem-sucedida, destaca-se o Jornal Tribuna do Pampa, de Candiota, que publicou 289 matérias em um período de 90 dias, sendo aproximadamente 98% voltadas ao município e região e cerca de 89% compostas por conteúdo original. Esse volume de produção é notável para uma cidade de cerca de 10.000 habitantes (IBGE, 2022) e demonstra que, apesar das limitações comuns no interior, é possível desenvolver iniciativas que priorizam a qualidade e a relevância para o público local. Essa realidade evidencia o potencial de transformação e fortalecimento do jornalismo local em municípios pequenos. O Tribuna do Pampa é um exemplo de que é viável, e possível, fazer jornalismo de interior relevante para a comunidade local.

As redes sociais são um elemento central na análise dos jornais interioranos, uma vez que apenas 2 dos 52 veículos analisados não possuem perfis em nenhuma plataforma. Isso evidencia a forte presença online dos veículos de interior, refletindo sua adaptação ao ambiente digital e resultando em uma maior interação com o público, além de ampliar seu alcance e visibilidade. Além disso, 25% desses veículos se limitam ao uso de páginas no Facebook para compartilhar suas notícias, sem manter um site próprio. Por um lado, essa abordagem posiciona os veículos onde grande parte da audiência está concentrada, possibilitando interações diretas com os leitores por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, o que pode potencializar o engajamento do público. Por outro lado, a ausência de um site estruturado restringe o acesso a conteúdos anteriores, dificultando a pesquisa de notícias específicas ou por editoria, limitando a capacidade do veículo de ofertar uma produção de notícias consolidada. Além disso, essa dependência do Facebook gera uma relação de vulnerabilidade, uma vez que o alcance das publicações fica condicionado ao algoritmo da plataforma, que nem sempre favorece conteúdos jornalísticos, o que pode impactar a visibilidade e a sustentabilidade desses veículos em longo prazo. Esse cenário levanta questões sobre a vulnerabilidade desses

veículos frente a mudanças nas políticas de plataformas e a redução do alcance orgânico, que já é uma tendência em redes como o Facebook.

Durante a aplicação da metodologia, observou-se também que, nas redes sociais, as notícias tendem a ser menos estruturadas e profissionalizadas, com a presença de publicações informais. Um exemplo é o caso do veículo Picada Café Infoco, do município de Picada Café, que entre reproduções de matérias de outros veículos, faz postagens informais na página do Facebook com mensagens de bom dia, mensagens motivacionais e semelhantes. Assim, o veículo se afasta de uma prática jornalística estruturada, utilizando a rede social não apenas como um canal de notícias, mas também para estabelecer uma comunicação de cunho pessoal, típica das interações informais nas redes sociais.

Em contraste, um exemplo positivo é o veículo Santa Clara Online, de Santa Clara do Sul, que utiliza o Facebook como plataforma de publicação de notícias de maneira bastante estruturada. No período de 90 dias analisados, foram publicadas 233 matérias, das quais 225 abordam o município e sua região e 222 são conteúdos originais. As publicações também são acompanhadas de cards com uma imagem de ilustração para a matéria, manchete e logomarca do veículo. O caso demonstra que as redes sociais podem ser bem utilizadas pelos veículos de comunicação, oferecendo uma alternativa mais acessível para a divulgação de notícias. No entanto, é questionável por que um veículo com capacidade e estrutura para produzir conteúdo original sobre o município e região, de forma regular, não possui um site. A ausência de uma plataforma digital própria, que poderia aumentar sua credibilidade e alcance, levanta dúvidas sobre as razões que impedem essa iniciativa.

Assim, a dinâmica do jornalismo em quase desertos de notícias do Rio Grande do Sul apresenta uma realidade complexa, marcada tanto por desafios quanto por potenciais de fortalecimento. Embora muitos veículos enfrentem limitações como a baixa frequência de publicações, outros conseguem manter uma produção relevante para suas comunidades, preenchendo uma lacuna de informação. A produção local, apesar de, por vezes, comprometida pela reprodução de matérias de outras fontes, reflete um esforço de manter as comunidades informadas, ainda que com uma representatividade reduzida. Esse cenário de contrastes destaca a importância e a relevância de mais pesquisas sobre o tema, a fim de tecer estratégias e iniciativas eficazes para o fortalecimento do jornalismo de interior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, explorou-se a dinâmica do jornalismo em municípios do interior do Rio Grande do Sul. A partir da construção teórica, compreendemos o conceito de jornalismo de interior, abordando a abrangência do termo, as dificuldades em caracterizá-lo e as especificidades que o diferenciam do jornalismo praticado em grandes centros urbanos. Com base em Assis (2013), Dornelles (2013) e Hartmann (2011), identificamos que o diferencial do jornalismo de interior reside na produção de informações locais e em características como a proximidade, que o definem para além de aspectos geográficos. Constatamos, ainda, que os jornais do interior apresentam particularidades diversas, o que permite a identificação de múltiplos tipos em todo o Brasil. No entanto, esses veículos enfrentam muitos desafios, como a estrutura precária e pouco profissionalizada, a necessidade de aperfeiçoamento de técnicas jornalísticas, a dependência do uso de releases e o número reduzido de funcionários, assim como apontado por autores como Beltrão (2013), Bueno (2013) e Fernandes (2013).

Através do Atlas da Notícia, discutimos o fenômeno dos desertos de notícias, os riscos da falta de informação local e as problemáticas acerca do conceito. Ao mapear a presença e a ausência de cobertura jornalística local, o Atlas da Notícia levanta importantes questões sobre os desertos e quase desertos de notícia, onde a escassez de informações locais prejudica o entendimento da população sobre sua própria realidade e dificulta o acesso à informação de qualidade. Apesar do avanço proporcionado pelo Atlas, autores como Reis (2022) e Martins (2022) enfatizam que é preciso ultrapassar a análise da infraestrutura e adotar uma perspectiva que considere as particularidades de cidades pequenas e médias. Além disso, estudos, como os de Benezath (2021) e Duarte (2023), nos mostraram que a ausência de jornalismo profissional em desertos de notícia leva à dependência de redes sociais e grupos de mensagens como principais fontes de informação, aumentando a exposição da população à desinformação. Assim, a carência de cobertura jornalística profissional prejudica o desenvolvimento do debate público, o que evidenciou a necessidade de investigar como essa realidade impacta o interior do Rio Grande do Sul.

Diante dessa problemática, este trabalho teve como problema de pesquisa a seguinte questão: quais são as características do jornalismo produzido pelos veículos presentes nos quase desertos de notícias no interior do Rio Grande do Sul, e como

esses aspectos influenciam o acesso à informação local? Para responder a essa pergunta, adotamos uma metodologia que combinou o mapeamento do Atlas da Notícia com uma coleta detalhada de informações dos veículos locais online, presentes nos quase desertos de notícias do Rio Grande do Sul. Essa coleta foi realizada por meio de um formulário que avaliou elementos como periodicidade, produção de notícias locais e originais, além da estrutura do site. Os resultados deste estudo revelam uma produção jornalística bastante heterogênea entre os veículos analisados nos quase desertos de notícias do interior do Rio Grande do Sul. Observou-se que 75% dos veículos possuem site próprio, enquanto 25% restringem-se a publicações nas redes sociais, como Facebook e Instagram. Em relação à periodicidade e à quantidade de publicações, a mediana de 95 matérias em um período de 90 dias reflete um padrão de produção relativamente baixo, com 60% dos veículos publicando menos de duas notícias por dia. Quando se trata de cobertura local, 17% dos veículos não realizaram qualquer cobertura sobre o próprio município ou região nos últimos três meses, enquanto 36% apresentaram uma produção significativa de notícias locais. Quanto à originalidade, os veículos apresentaram uma mediana de 22 matérias originais no período de 90 dias, indicando uma dependência frequente de conteúdo de outras fontes.

Os resultados desta análise revelam uma dualidade interessante. Por um lado, observamos iniciativas de jornalismo local com grande potencial, produzindo conteúdo original a serviço da população, abordando temas importantes que escapam aos veículos de maior alcance. Essas iniciativas destacam-se pela estrutura organizada e pela periodicidade consistente, suprimindo lacunas informativas essenciais para os habitantes da cidade. Por outro lado, identificam-se aspectos críticos apontados na fundamentação teórica, como a dependência de conteúdos de outras fontes, estrutura precária e a dificuldade em manter uma produção regular, fatores que comprometem a regularidade e a qualidade da informação, o que limita o acesso da população a conteúdos relevantes. Esse cenário levanta uma questão importante — e aqui reside a relevância desta pesquisa: quais iniciativas poderiam apoiar e fortalecer esses veículos locais? Como viabilizar que profissionais, muitas vezes atuando sozinhos, possam sustentar e consolidar o jornalismo local? A realidade é que existe jornalismo de interior de qualidade, mas também há tentativas menos estruturadas que, embora limitadas, representam esforços valiosos e passíveis de aprimoramento.

Observa-se também que o ambiente online oferece um potencial significativo para esses veículos locais. Embora a dependência das plataformas de redes sociais, como o Facebook, seja um ponto negativo, especialmente para aqueles veículos que limitam sua presença exclusivamente a essas plataformas, o meio digital reduz a necessidade de recursos em comparação com a estrutura exigida por um jornal impresso ou por uma rádio, por exemplo. Além disso, o online pode facilitar o acesso da própria população local à informação, ampliando a disseminação de notícias e proporcionando espaço para o debate. No entanto, é essencial ter cautela com essa dependência das redes sociais e manter um compromisso genuíno com o jornalismo de qualidade — evitando ser apenas mais um perfil que divulga informação sem contexto ou verificação.

É importante retomar que os municípios onde estão localizados os veículos analisados são classificados como quase desertos de notícias pelo Atlas da Notícia, devido ao risco potencial de se tornarem desertos. No entanto, cabe questionar se os moradores desses municípios, apesar de contarem com veículos de comunicação, enfrentam consequências semelhantes daqueles que vivem em desertos de notícias, especialmente quando os veículos locais estão desatualizados, como foi observado em alguns casos ao longo desta pesquisa. Essa reflexão também remete aos critérios utilizados pelo Atlas da Notícia para definir essas classificações, além de reforçar a necessidade de novas pesquisas que aprofundem essa temática.

Entendemos que o estudo apresenta limitações, dado que a amostra de 52 veículos representa apenas uma visão parcial do cenário dos quase desertos de notícias no Brasil. Além disso, por razões de viabilidade, a análise abrangeu um período de apenas 90 dias, o que restringiu uma investigação mais aprofundada sobre a atuação desses veículos ao longo do tempo. Ainda assim, a pesquisa contribuiu para a compreensão do cenário do jornalismo local no interior do Rio Grande do Sul e levanta questionamentos que podem inspirar estudos futuros. Uma linha de investigação relevante seria a comparação entre os quase desertos de notícias no Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil, permitindo identificar diferenças regionais e compreender como fatores culturais e políticas públicas influenciam a atuação dos veículos jornalísticos. Outra possibilidade seria a realização de estudos que incluam entrevistas com jornalistas, proprietários e gestores dos veículos, para captar suas perspectivas sobre os desafios e as estratégias de adaptação às condições locais, além de explorar suas percepções sobre a relação com a audiência e os impactos das

plataformas digitais no seu trabalho. Adicionalmente, uma pesquisa focada na audiência seria de grande valor, investigando a percepção dos leitores e a confiança que depositam nos veículos locais, bem como o papel que esses meios desempenham na formação da opinião pública. Tais estudos poderiam fornecer uma visão mais completa sobre a eficácia do jornalismo local em atender às necessidades informativas das comunidades e ajudar a identificar caminhos para seu fortalecimento e sustentabilidade a longo prazo.

Assim, concluímos que o jornalismo de interior no Rio Grande do Sul, apesar de suas limitações estruturais, exerce uma função relevante na disseminação de informações locais para as comunidades. Os veículos de comunicação analisados revelaram uma grande diversidade, com alguns se destacando pela produção de conteúdo original e de qualidade, enquanto outros enfrentam dificuldades em manter uma periodicidade regular e uma produção consistente de notícias locais. Essas disparidades indicam que, embora exista um potencial significativo para o fortalecimento do jornalismo local, a falta de recursos e a escassez de profissionais qualificados ainda são obstáculos que comprometem a qualidade da informação acessada pela população. Nesse contexto, pensar em quais iniciativas poderiam ser implementadas para melhorar a capacitação de jornalistas, a estrutura das redações e a produção de conteúdo original e local se torna essencial. O fortalecimento do jornalismo de interior, aliado ao uso responsável das plataformas digitais, são passos fundamentais para garantir que as comunidades do interior do Rio Grande do Sul tenham acesso a um jornalismo relevante e de qualidade.

REFERÊNCIAS

DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do Interior. **Revista Famecos**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 237-243, 5 jan. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2010.3.8191>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/8191>. Acesso em: 27 ago. 2024.

DOURADO, Jacqueline Lima; COSME, Marta Thaís Alencar; BARBOSA, Nicolás Nunes. Trabalho jornalístico em um quase-deserto de notícias: estudo de caso da cidade de Uruçuí-PI. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 18., 2020, Online. **Anais [...]**. Piauí: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2020. p. 1-16. Disponível em: <https://proceedings.science/sbpjor-2020/trabalhos/trabalho-jornalistico-em-um-quase-deserto-de-noticias-estudo-de-caso-da-cidade-d?lang=pt-br>. Acesso em: 01 set. 2024.

DUARTE, Letícia da Silva. O QUE CIRCULA EM UM DESERTO DE NOTÍCIAS: um estudo de caso em Andorinha-BA. **Revista Discente Planície Científica**, Campos dos Goytacazes, v. 5, n. 2, p. 38-53, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/61085>. Acesso em: 03 set. 2024.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. *In: ASSIS, Francisco de (org.). Imprensa do interior: conceitos e contextos*. Chapecó: Argos, 2013. p. 103-135.

FOPEA (Argentina). **Desiertos de noticias en la Argentina**. Disponível em: <https://desiertosinformativos.fopea.org/>. Acesso em: 01 set. 2024.

HARTMANN, Nadja Maria. **Diáriodamanha.com (Passo Fundo)**: um estudo de caso de jornalismo on-line na imprensa do interior do rs. 2011. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4463/1/432351.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

JAVORSKI, Elaine; BARGAS, Janine. A informação sobre a Covid-19 nos desertos de notícias: a relevância do jornalismo interior do Pará. **Liinc em Revista**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 1-16, 17 dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5339>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5339>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MARTINS, César Franco dos Santos. Desertos de notícias na Zona da Mata Mineira: da aplicação do conceito ao levantamento de serviços de mídia em três municípios da região. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 44., 2021, Virtual. **Desertos de notícias na Zona da Mata Mineira**. Minas Gerais: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021. p. 1-14.

MEDEIROS, Rafael. A FUNÇÃO SOCIAL DO RÁDIO LOCAL ENTRE DESERTOS DE NOTÍCIA E ZONAS DE SILÊNCIO: reverberações da migração am - fm. **Âncora: Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 360-378, 9 jul. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2359-375x.2020v7n1.51319>. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-375X.2020v7n1.51319>. Acesso em: 25 set. 2024.

MOTA, Edielson Teixeira; PACHÊCO, Emilianny Barbosa. A Importância da Mídia Local para os Desertos de Notícia: uma análise do portal Canabrava News. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 24., 2024, Natal. **Anais [...]**. Natal: Intercom, 2024. p. 1-6.

NAZÁRIO, Heleno Rocha. **Notícias da Travessia**: o status fronteiriço nos jornais Folha de São Borja (BR) e Unión (AR). 2017. 280 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PARZIANELLO, Geder Luis; PARZIANELLO, Sandra Barbosa; CAMPO, Louise Ariane da. O jornalismo político do interior e o seu valor notícia em jornais impressos. **Revistas Sociais & Humanas**, [s. l.] v. 31, n. 1, p. 115-130, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/29797>. Acesso em: 30 ago. 2024.

PROJOR. **Atlas da Notícia**: mapeando o jornalismo local no brasil. Mapeando o jornalismo local no Brasil. 2024. Disponível em: <https://www.projor.org.br/atlas-da-noticia/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

RAMOS, Giovanni. Deserto de Notícias: panorama da crise do jornalismo regional em Portugal. In: SOPCOM, 13., 2021, Portugal. **Estudos de Jornalismo**. Portugal: Sopcom, 2021. p. 30-51. Disponível em: https://dianacionalimprensa.apimpressa.pt/wp-content/uploads/2022/11/Anexo-7-Deserto-de-Noticias_panorama-da-crise-do-jornalismo-regional-em-Portugal.pdf. Acesso em: 02 set. 2024.

REIS, Thays Assunção. **A cidade de notícias**: um estudo do jornalismo de influência regional de imperatriz no Maranhão. 2022. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Um Estudo do Jornalismo de Influência Regional de Imperatriz no Maranhão, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/17702>. Acesso em: 22 set. 2024.

SANTANA, Adriana. Jornalismo de release na imprensa do interior: flertes com o "homem cordial". In: ASSIS, Francisco de (org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013. p. 137-162.

SILVA, Luiz Custódio da. Desafios e caminhos possíveis para uma nova concepção de imprensa do interior. In: ASSIS, Francisco de (org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013. p. 87-101.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br